N.º 12 ★ 22-3-51
Cr$ 3,00
em todo o Brasil



A CENA muda

CINEMA
RÁDIO
MÚSICA
VARIEDADES



Sapatos que seus filhos adoram!



INSINUANTE

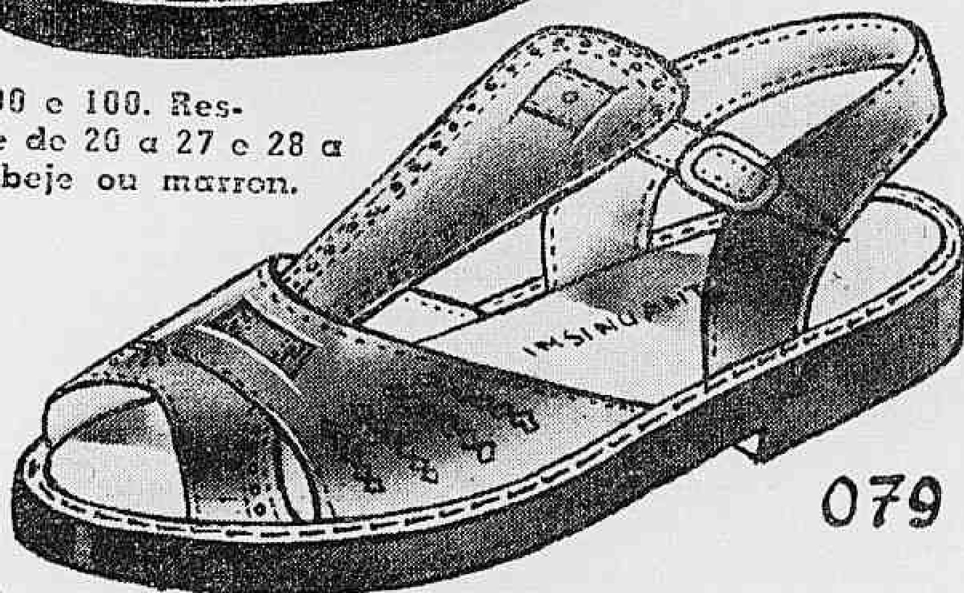
UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM ÁGUA **GELADINHA** AS SUAS ORDENS :





077 Cr$ 70,00 — 75,00 e 95,00. Respectivamente de 18 a 22 — 23 a 27 e 28 a 33. Tôdas as côres.

078 Cr$ 85,00 e 100. Respectivamente de 20 a 27 e 28 a 33. Branco, beje ou marron.



079 Cr$ 50,00 — 68,00 e 75,00. Respectivamente de 18 a 22 — 23 a 27 e 28 a 33. Diversas côres.
Remetemos para todo o Brasil. Porte 3 cruzeiros por par.
Não trabalhamos com reembôlso.

insinuante

A SAPATARIA PREDILETA DE SEUS FILHOS E DE SEUS NETINHOS

CARIOCA, 46-48 - SETE de SETEMBRO, 199-201

A CENA muda

Semanário de ARTE

ANO 30 ★ N.º 12, de 22 de março de 1951

SUMÁRIO:

Notas de São Paulo (Leon Eliachar) 3
O mais caro e trabalhoso filme dos últimos 20 anos.... 5
Anos de solidão (Antônio Rocha) 6
Hollywood descobre As Minas do Rei Salomão 8
O Preço de uma vida........ 12
Antologia dos cronistas cariocas (Salvyano Cavalcanti de Paiva) 14
Os «astros» moram aqui (Thomas Keene) 16
A Patrulha da Morte (Cine-romance) 20
Novo filme nacional 22
Jean Cocteau 23
A linda embusteira........ 24
Artistas franceses no Brasil Leon Eliachar) 27
Arquivo (Brooklyn Jack) 32
Música (Oswaldo da Cunha).. 33
Pausa para meditação 34
Notícias 34

★

CAPA
RUTH ROMAN
(Warner Bros.)

A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados.

EXPEDIENTE

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito. Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar. Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». número avulso para todo o território zrasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,000. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa». Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

Representante em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569.

CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD
VIOLET KINNEY
THMOMAS KEENE
CORRESPONDENTE EM PARIS
JEAN DELMAR
Redator-Chefe da Publicidade:
Severino Lopes Guimarães

IMPORTANTE:

O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.



NOTAS DE SÃO PAULO

5 dias em São Paulo, hóspedes da Maristela, é realmente algo confortador. Especialmente se considerarmos o confôrto que nos proporciona o Hotel Excelsior, com seu serviço rápido e eficiente, garçons delicados, água quente e fria, armários sem chaves e cabides supersônicos.

★

20 minutos de automóvel é quanto se gasta do centro aos estúdios da Maristela, em Jaçanã. Isso quando é o próprio Civelli quem dirige a sua pulga pelas estradas esburacadas e lamacentas, pois realmente atinge meia hora. Temos visto vários estúdios, no Rio, mas pela primeira vez sentimos a impressão de que estávamos efetivamente pisando num estúdio — sem precisarmos ir a Hollywood. Resta ver seus filmes.

★

1 jantar na casa do Alex Viany, significa atenção e delicadeza por parte de sua espôsa Elsa, um sorriso azul de sua filhinha Elisabeta, de cinco meses, e um grande papo sôbre cinema, que entra pela noite a dentro para cumprimentar a madrugada. Vale a pena. Mas não dou o endereço, não. O Alex anda muito ocupado escrevendo o cenário de sua própria história: "Sangue na Estrada", que, por sinal, não tem sangue nem estrada.

★

6 PERSONAGENS À PROCURA DE UM AUTOR", de Pirandelo, é a coqueluche do momento no Teatro Brasileiro de Comédias, com um numeroso elenco encabeçado por três ases da ribalta: Sérgio Cardoso, Cacilda Baker e Paulo Autran. Quatrocentos lugares infalìvelmente lotados. Pelo que vimos, a peça permanacerá em cartaz por muito tempo. Grande espetáculo; soberbas interpretações.

★

2 horas permanecemos na chuva, na esquina de São João com D. José de Barros, à espera que um taxi, de bandeirinha "livre", se dignasse atender-nos. Não davam a menor bola. O mal do Rio se estende até São Paulo. Chofer é sempre chofer, em qualquer lugar do mundo. Menos no cinema americano.

★

26 marcas são os vestígios que Elvira Pagã procura conservar em seu "corpo de delito" a fim de processar a polícia de São Paulo. Tudo começou numa certa noite em que Elvira, contratada da "boite" Arpège, resolveu dar um "showsinho" no "Nick-Bar", tendo com "partner" o americano Mr. Jack. O espetáculo não consistiu em número de canto, nem bailado, nem tampouco exibição de perna: o Álcool era o "astro" da festa, até quando chegou a polícia, que dominou a cena. O engraçado é que policial de lugar algum sabe como interpretar o seu papel.

★

7 cenários diferentes estão sendo apresentados, sem descer o pano, na peça "O Impacto", de Silveira Sampaio. O Teatro da Cultura Artística estréia assim, o seu novo palco giratório.

★

8.ª ESPÔSA DE BARBA AZUL, segundo filme de Silveira Sampaio, já foi terminado. Tatiana Lescowa, bailarina de renome, faz sua estréia como artista, nesse filme, vivendo uma das espôsas. Sampaio negocia a distribuição do filme, que é o mais difícil.

★

36 elementos da equipe da Maristela, chefiados pelo diretor Guido Lazzarini, rodam as últimas cenas de "A Carne", de Júlio Ribeiro. Teremos carne a CrS 7,70?

★

12 de março. Chega ao aeroporto de Congonhas um avião da Real, trazendo a delegação francesa que foi ao Festival do Uruguai. A aeronave foi fretada pela Maristela, que ofereceu aos ilustres visitantes, um churrasço nos estúdios, um coquetel no Cine-Marrocos e um jantar na boite "Freddy". Mário Civelli usa de todos os "anzóis", quando se trata da "pescaria" de um "astro" como Gérard Phillipe. Ou será Nicole Courcel?

★

2 notas ligeiras: afirmaram-me que o Anselmo Duarte paralisava o trânsito em São Paulo. Não vimos o Anselmo. Nem o trânsito... Fernando de Barros fêz-me um convite para visitar os estúdios da Vera Cruz, por ocasião da primeira manivelada de "Tico-Tico".

★

..E para terminar, um diálogo travado na Avenida Ipiranga:

— Olá, você por aqui?

— Cheguei ontem do Rio.

— Também está por conta da Maristela?

leon eliachar





MARCUS VINICIUS
Robert Taylor

LÍGIA
Deborah Kerr

O MAIS CARO E TRABALHOSO FILME DOS ÚLTIMOS 20 ANOS!

DE "Quo Vadis" — que, parece, a Metro-Goldwyn-Mayer só apresentará, nos Estados Unidos, lá para setembro, já se disse ser a mais dispendiosa e ao mesmo tempo a mais proveitosa dor-de-cabeça já sofrida por um estúdio nos últimos 20 anos.

A verdade é que se a Metro enfrentou muitos problemas, contratempos, até "sabotage" de comunistas, em Roma, para levar a efeito as caríssimas filmagens — disso se compensará fartamente, porque é claro que o filme está sendo ansiosamente esperado e muito trabalharão as bilheterias de todo o mundo, quando chegar o momento de se poder ver Roert Taylor transformado em Márcus Vinicius protegendo Deborah Kerr transformada em Lígia...

Para a filmagem de "Quo Vadis" na Cidade Eterna — e todo o filme foi rodado em Roma, não havendo uma só cena filmada em Culver City — a Metro-Goldwyn-Mayer enviou para lá um respeitável "unit" de produção e utilizou também muitos técnicos da própria capital italiana. Alugou os estúdios da Cinecittá, recruto)

(Cont. na pág. 30)



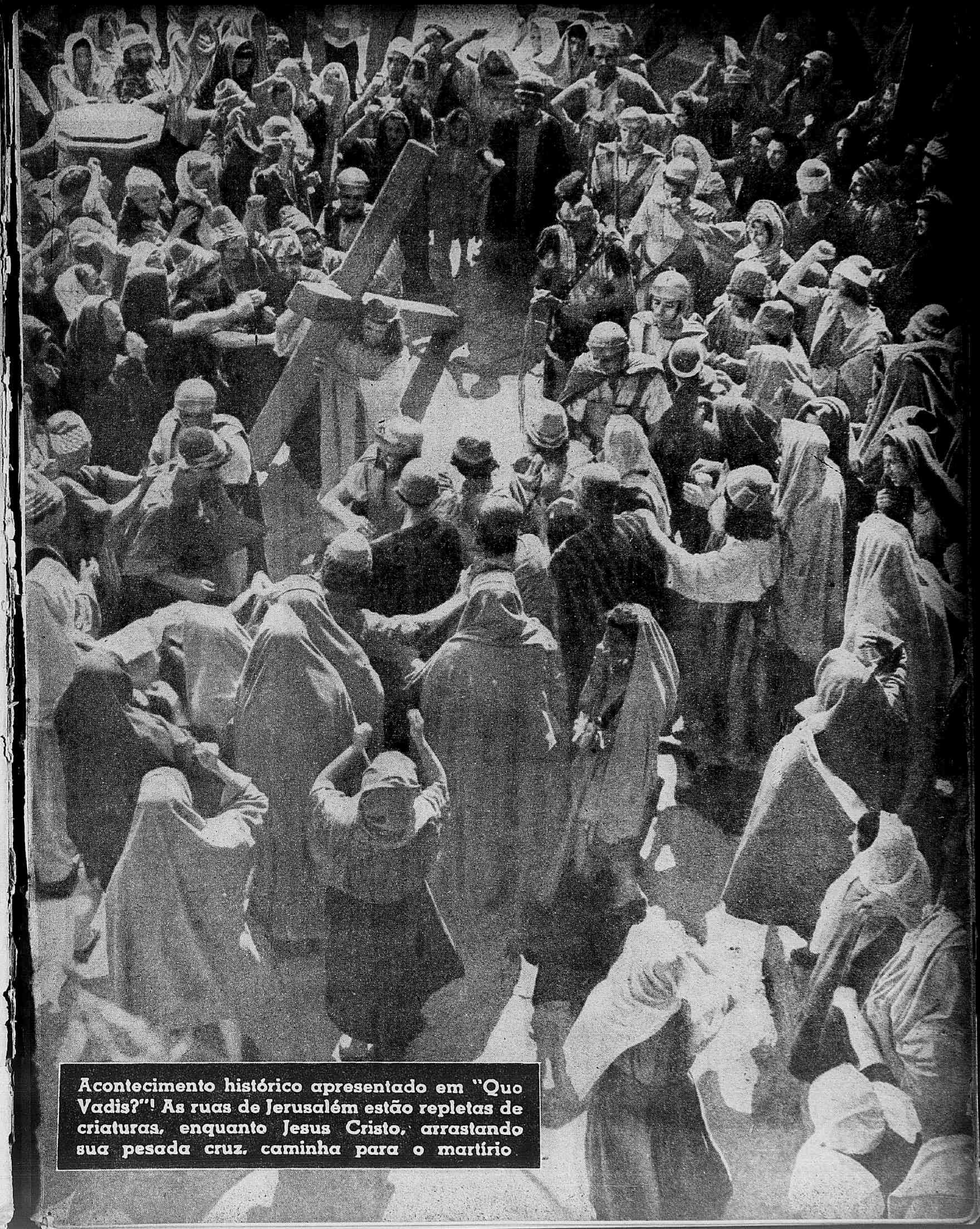
Marcus Vinicius, o herói de QUO VADIS, procurando ansiosamente descobrir o paradeiro de Lígia, interroga ao chefe de polícia do cruel Imperador Nero.



Em meio às ruínas do que foi a orgulhosa Roma, os cidadãos aterrorizados buscam descobrir o paradeiro de seus entes queridos. Lígia e Marcus Vinicius, os apaixonados de QUO VADIS, abraçam-se.



Uma das mais espetaculares cenas do cinema em todos os tempos: — a multidão aterrorizada, choca-se nas estreitas ruas de Roma, numa desesperada tentativa de fugir às chamas.



Acontecimento histórico apresentado em "Quo Vadis?"! As ruas de Jerusalém estão repletas de criaturas, enquanto Jesus Cristo, arrastando sua pesada cruz, caminha para o martírio.



ANOS DE SOLIDÃO



VERA-ELLEN foi descoberta por um caçador de talentos enquanto aparecia numa revista bastante conhecida, chamada "A Connecticut Yankee". Após fazer um bem sucedido teste cinematográfico, assinou um contrato com Samuel Goldwyn.

No dia seguinte foi ao teatro dizer adeus a suas companheiras.

— "Hollywood... onde todo conversível vem equipado com um homem!" — repetia uma delas.

— "Aproxima-se um par de ombros para se exibir num belo e decotado vestido de baile no Ciro's! As estrêlas em seus olhos e **uma estrêla** lhe segura a mão!" exclamava outra.

— "Não esqueça de nos mandar dizer qual a sensação que se sente em dar o fora em Van Johnson a fim de poder saír com Ty Power e na noite seguinte deixar Ty de lado para saír com Cary Grant!" — implorou-lhe uma outra.

Foi assim que numa noite, há cinco anos atrás, Vera-Ellens se despediu de suas amigas e colegas num teatro novaiorquino. As moças que lhe davam êstes conselhos e não se acanhavam em falar desta maneira sabiam que o seu casamento com Bob Hightower havia ido de encontro as **rochas** e os dois estavam separados. Naturalmente elas supunham que nada seria mais natural do que Vera tirasse vantagem do seu estado civil, embora não fôsse ainda divorciada e, em Hollywood, aproveitasse a ocasião para arranjar namorados e provàvelmente contrair novo matrimônio.

Mas Vera ainda não pensara no assunto. Quando chegou a Hollywood, porém, compreendeu que tinha de decidir-se: ou uma coisa ou outra. No entanto, chegou à conclusão, embora contra a sua vontade, de que uma mulher casada na religião de seus pais (luteranos ferrenhos), é uma mulher casada, pouco importando as circunstâncias.

— "Foi essa a resolução que tomei ao chegar ao estúdio na manhã seguinte para me apresentar. — diz Vera-Ellen — Assim, nessa situação, Farley Granger foi o primeiro homem, que encontrei. E uma das primeiras coisas que êle me pediu foi um encontro. Assim, nunca me esquecerei da expressão que deveria estar estàmpada em meu rosto quando eu delirava por dizer "sim" e exclamei "não" saído do âmago da minha dor. Até aquêle momento eu não compreendera o que teria de submeter-me a fim de cumprir com essa promessa. Nesse instante tive vontade de quebrá-la, mas me ocorreu que, se tal eu fizesse, não mais seria capaz de respeitar-me a mim mesma."

QUANDO O SEU CASAMENTO SE DESMORONOU, VERA-ELLEN FOI ENVOLVIDA POR UMA SOLIDÃO QUE SE ESTENDEU POR ANOS A FIO! EIS COMO O SEU CORAÇÃO NOVAMENTE VOLTOU A PULSAR.

De ANTÔNIO ROCHA



VITIMA DO DIVÓRCIO
Em consequência de um casamento infeliz, Vera-Ellen teve de sofrer das dôres da solidão.

Vera-Ellen não poderia, absolutamente, ser chamada uma moça feliz naquela época. Em um gesto de auto-defesa se entregou de corpo e alma aos ensaios, à prática e ao estudo.

Quer o estúdio marcasse ensaios para "Wonder Man", o seu primeiro filme, ou não, o fato é que diàriamente ela vinha ao estúdio e dançava de qualquer maneira.

Mas nem mesmo êstes árduos ensaios mantinham Vera suficientemente cansada para esquecer os prazeres da vida. À noite ficava em casa, lendo um livro ou passando os olhos por uma revista, ou ainda, entendendo as suas falas, para as cenas que seriam filmadas cinco, dez dias depois. Isso ainda não a ocupava bastante e finalmente ela se matriculou na escola de danças de Belcher's para tomar umas lições de ballet adicionais.

— "Mas eu, penosamente, cumpria a minha promessa e esperançosamente pedia a Deus que me acostumasse logo a essa espécie de vida e não mais me incomodasse. Durante todo êste tempo eu também refletia numa decisão para a qual eu ainda não havia juntado coragem bastante para tomá-la: o meu divórcio! Eu tinha certeza de que o casamento estava terminado. Não havia motivo para esperar. No entanto, o passo ainda continuava me parecendo muito perigoso. Não sei bem explicar o que era, mas creio que sentia que não desejava acordar de um sonho de felicidade conjugal, embora o sonho já me tivesse abandonado..."

Uma boa coisa, porém, acontecera a Vera-Ellen, embora ela não se sentisse muito feliz por isso. Os homens de Hollywood não esperaram que Vera se acostumasse a dizer "não" para todo e qualquer convite, mas passaram a considerá-la como uma pessoa que não aceitava convites e deixaram de pedir para acompanhá-la a uma festa ou a um **night club.** Se ela estivesse morando com uma amiga a situação seria diferente, pois apareceria a oportunidade de um "encontro duplo" e ela acabaria entregando os pontos mais cêdo ou mais tarde. No entanto, morando com seus pais o panorama era diferente.

Enquanto estava filmando, não era tão difícil, mas durante os intervalos de um filme para outro, o tempo parecia engatinhar e Vera se via sem o que fazer.

— "Foi assim que me decidi a mandar consertar o meu velho carro e levei os meus pais para uma série de viagens curtas para os diferentes lugares da Califórnia e do Oeste. Conseguiu afastar-se de Hollywood, mas não logrou fugir de si mesma. Durante a viagem, no segundo dia, no vale de Yosemite, um grandalhão com jeito de jogador e que a atraiu especialmente pela fôrça que parecia emanar de sua personalidade e dos músculos apertadamente comprimidos pelo terno convidou-a para um passeio nas montanhas. No Parque Nacional de Sequoia um viajante alto, moreno e por demais atraente fêz conhecimento com a sua mãe, através dela chegou ao seu pai e começou o seu trabalho para se aproximar de Vera...

— "O meu primeiro ano em Hollywood foi terrível, especialmente em virtude da solidão e da falta de amigos. Mas no segundo ano algo verdadeiramente assustador aconteceu. Tive noção disso quando levei meus pais à estréia de "The Kid From Brooklyn" (Um Tigre Domesticado). Eu usava vestido simples de cetim azul; simples, mas apertado e de acôrdo com minhas formas... e, para dizer a verdade, simples mas audacioso. Vesti-o e seguimos para o cinema... bem, era muito bom estar perto da mamãe e do papai, mas o vestido parecia **implorar** que um acompanhante alto e simpático estivesse ao meu lado! Quando voltei para casa, tirei o vestido e o entreguei a mamãe, dizendo-lhe que fizesse do vestido o que bem quisesse e entendesse, contanto que eu nunca mais o visse em minha frente! Ela apanhou o vestido, vagarosamente, e me olhou estranha e demoradamente através de seus olhos semi-cerrados. Foi aí que fui atingida em cheio em meu complexo. Ela não tinha de pôr em palavras o que lhe ia na mente, pois aquêle sorriso falara por si mesmo e dissera tôdas as coisas que eu não desejava ouvir... talvez eu estivesse perdendo a confiança em mim mesma.

"Daquele momento em diante passei a pensar que algo acontecera comigo. Mêdos que há meses vinham assaltando a minha mente se acumularam daquele minuto em diante. Eu estava diferente. Eu estava com mêdo. Que fazer? Lutar contra o mêdo ou dar vazão a um complexo de inferioridade?"

Vera-Ellen se decidiu pela primeira hipótese e dois dias depois encaminhou os seus papéis de pedido de um divórcio. Ela agora sabia que sòmente tinha de continuar um ano nesta situação. Um ano... embora ela não tivesse de esperar todo êste tempo. Mas antes que o tribunal desse início aos trabalhos chegou ao seu conhecimento que o seu ex-marido contraíra novo matrimônio na Inglaterra. Ela estava livre!

— "E' engraçado, — disse Vera-Ellen a uma jornalista norte-americana — mas depois daquela primeira emoção, depois de discutir sôbre esta situação com papai e mamãe, depois de dirigir-me sòzinha em meu carro, para uma das colinas que rodeiam Hollywood, sempre pensando no que pretendia fazer agora comigo, encontrei um desejo interno e profundo de continuar quietamente por algum tempo como se nada fora do comum houvesse acontecido. Mas aceitei um convite para um encontro..."

(Cont. na pág. 26)



COM UM ADMIRADOR
Mas um dia Vera compreendeu que tinha de fugir da solidão e pedir um divórcio. Depois voltou a vida de u'a moça normal.



COM PAPAI
Durante a sua época de divórcio, Vera geralmente visitava na California os seus pais, que com ela se transferiram para Hollywood.

HOLLYWOOD DESCOBRE



Stewart Granger, Deborah Kerr e Richard Carlson, astros do filme, entre os Gigantes Watussis, elementos nativos que colaboraram em muitas cenas.

AS MINAS DO REI SALOMÃO

ARROJADO EMPREENDIMENTO DE UM PRODUTOR AUDACIOSO ★ FILMAGENS "IN LOCATION" SOB O SOL DO CONTINENTE NEGRO ★ DOIS DIRETORES E UM ELENCO DE PRIMEIRA LINHA ★ AS CÂMARAS RODAM AO CALOR DE 70 GRAUS E A 30 ABAIXO DE ZERO ★ UMA EXPEDIÇÃO QUE PERMANECEU VÁRIOS MESES NO CORAÇÃO DA ÁFRICA ★
Texto de KALMAR STEWART ★ Fotos METRO

(Exclusivo para A CENA)

— Que é um produtor de filmes e qual o seu serviço?

Essa pergunta foi feita por um idoso Colono Branco que perambulava no acampamento "safari" da Metro-Goldwyn-Mayer na África, durante a filmagem de "As Minas do Rei Salomão".

O velho colono disse que desejava ver o Chefão. Assim, alguém o levou à presença de Andrew Marton, que dirigia o filme juntamente com Compton Bennett. Os olhos cansados do visitante se estreitaram de surprêsa quando Marton lhe contou que o Chefão estava em Hollywood.

— Quem é êle e que espécie de trabalho está fazendo, tão longe? — queria saber o velho.

— Seu nome é Sam Zimbalist e êle é o que chamamos um produtor — replicou Marton. — A fita que estamos filmando aqui na África é uma de suas produções.

Então, o velho colono perguntou o que eram os produtores e o que êles faziam. Estas mesmas indagações têm sido feitas inúmeras vêzes em muitos lugares diferentes, porém provàvelmente nunca antes, ou até então, num acampamento "safari" africano. Para o grande público, o produtor é apenas um nome projetado [illegible] no comêço do filme. Sabe [illegible] o que fazem os diretores, os atores e os escritores, porém, o trabalho de um produtor é um mistério para a maioria das pessoas, justamente como o era para o velho Colono Branco.

Marton tentou responder a pergunta, breve e claramente.

— Um produtor é o General, o homem que fica atrás dos homens que manejam as câmaras — disse. — Êle chefia todo o serviço na realização de um filme, do princípio ao fim. Contrata escritores, diretores e atores, trabalha com todos êles. Planeja e supervisiona os preparativos, as filmagens, os cortes finais e a publicação do filme, podemos dizer assim. Eis ai o Manda-Chuva, o homem mais importante de tôda a organização ligada a um filme. Tôdas as cenas que filmamos aqui na África, todo ator que aparece no filme, tôda e qualquer palavra constante do diálogo do filme, tem o visto de Zimbalist.

A explicação de Marton dava bem a idéia do serviço, mas não mencionava os mil detalhes e problemas com que deve lidar o produtor e seus esforços no sentido



Umbopa, um dos guerreiros Watussis, saúda Stewart Granger durante um intervalo de filmagem. Esses guerreiros e membros da tribu Massai foram bons amigos de todos os elementos do «safari» que a Metro mandou à África.

de produzir um filme que venha a agradar às exigências caprichosas do público. Como produtor de "As Minas do Rei Salomão", Sam Zimbalist teve que tomar as decisões finais de tudo, desde o número e espécies de câmaras enviadas à África até o estilo e côr do vestuário dos dois astros, Deborah Kerr e Stewart Granger.

Quando a Metro-Goldwyn-Mayer comprou os direitos aútorais para o cinema da famosa novela de aventuras africanas de H. Rider Haggard, "As Minas do Rei Salomão", Zimbalist pediu aos maiorais dos estúdios de Culver City a tarefa de produzi-lo.

— Foi o tipo do filme que sempre sonhei fazer algum dia — declarou Zimbalist. — Li a novela pela primeira vez quando era garôto e continua sendo até hoje a minha favorita história de aventuras. Ela me despertou o interêsse pela África, também. Desde então, li tudo que pude encontrar a respeito do misterioso e fascinante Continente Negro.

— Creia-me, não descansei até que me deram o trabalho de produzir o filme e o consentimento para filmá-lo em technicolor em seu autêntico cenário africano. A



Deborah Kerr e Richard Carlson numa cena do filme. Carlson confessa que, apesar de ter passado maus bocados na África, gostaria novamente de voltar ao Continente Negro.



A DANÇA DA MORTE, pelos guerreiros Matussis, uma das curiosidades de "As Minas do Rei Salomão".

seguir, empreendemos a respeitável tarefa de preparar a grande expedição, o grande "safari" à África. Exatamente após dois anos e oito meses que a história foi comprada, a primeira cena foi tomada no pequeno povoado africano de Machakos.

Zimbalist cresceu, pràticamente, ao lado de filmes cinematográficos e é o único que até hoje só trabalhou com uma única companhia. Começou sua carreira em 1920, como cortador de filmes, com a velha Metro, em Nova York. Três anos depois foi promovido a escritor cinematográfico e mandado para o estúdio de Hollywood. Ficou nesse serviço durante seis anos, com um breve interlúdio na Broadway, como diretor de uma peça de que Alla Nazimova foi a "estrêla".

Em 1929 Zimbalist se tornou assistente do produtor Hunt Stromberg e em 1937 passou à categoria de produtor.

Ao produzir "As Minas do Rei Salomão", Sam Zimbalist se viu às voltas com difíceis e raros problemas. O filme, feito sob condições incertas e desfavoráveis, tendo como atores ao lado de Stewart Granger, Deborah Kerr e Richard Carlson, também como atores, animais selvagens e nativos.

De modo que tinha que tomar decisões e medidas em situações que nunca tinham surgido antes em tôda a sua longa experiência no cinema.

Foi Zimbalist quem decidiu que a companhia ficasse na África, não levando em conta tempo nem despesas, até que fôsse bem sucedida a filmagem das cenas do estupendo estouro de animais bravios. Repetidas vêzes os caçadores nativos tinham encurralado milhares de animais selvagens e forçado os mesmos a uma disparada em direção às câmaras, que os aguardavam. Porém, algo sempre acontecia para estragar as tomadas, o que representava grande perda de tempo... e de paciência

Finalmente, os membros da companhia, desanimados, estavam prestes a desistir da tentativa e ir para casa. Mas Zimbalist insistia para que ficassem e tentassem mais uma vez. Tinha certeza de que o estouro dos animais consistiria o empolgante "clímax" do filme. E Zimbalist tinha razão.

Foi Zimbalist quem escolheu o nativo Kimursi na Tribo Kipsigé, dentre dezenas de nativos africanos que se submeteram a "tests" para o importante papel de ajudante do Caçador Branco. De novo êle acertara. Kimursi revelou-se um ator inteligente, bem como um valioso auxiliar, ao lidar com os milhares de outros nativos que trabalhavam no filme.

Todos êsses detalhes do trabalho do produtor foram descritos por Marton ao velho Colono Branco, no acampamento da expedição de "As Minas do Rei Salomão".

— Isso deve mantê-lo bem ocupado — disse o velho quando Martin concluiu. — Não sabia que havia tanta complicação em fazer um filme. Quando entrei aqui passou-me pela mente a idéia de pedir um emprêgo ao Chefão. Agora vejo que é melhor que eu fique mesmo trabalhando na fazenda.

Poucos minutos depois, ainda rindo, o Colono desapareceu e Marton nunca mais o viu.

★

Richard Carlson levou uma máquina de escrever em lugar de um rifle quando foi à África com a expedição, o "safari" da Metro-Goldwyn-Mayer a fim de filmar "As Minas do Rei Salomão".

— Usava-a quase tôdas as noites também — declarou o jovem ator e escritor, batendo na velha portátil na sua mesa de trabalho em sua casa em Hollywood. Esta "coisinha" viajou um bocado, pois levei-a comigo no avião que nos conduziu a Nairobi, nosso quartel-general na África. A turma costumava brincar comigo sôbre minha dupla profissão, ator durante o dia, escritor à noite — e ameaçara jogar minha máquina aos crocodilos se o barulho das teclas viesse perturbar-lhes o sono. Mas nunca levaram a efeito a ameaça porque o ruído da minha portátil era absorvido no meio daquelas infernais noites africanas. Ninguém podia ouvir as teclas da máquina quando leões rugiam e rosnavam, hipopótamos se banhavam à noite, pássaros noturnos enchiam os ares com seus gritos penetrantes e nativos cantavam suas canções desentoadas.

Richard Carlson tem sido feliz com as duas carreiras que seguiu — de ator e de escritor. Desde sua graduação na Universidade de Minnesota, trabalhou com afinco em ambos os ramos. Desempenhou

papéis de relêvo na tela e no palco e escreveu peças, argumentos cinematográficos e novelas de revistas. Estava atuando na peça teatral" Mister Roberts", numa companhia de Chicago, quando a Metro lhe ofereceu um dos três principais papéis de "As Minas do Rei Salomão".

— Isto significa passar pelo menos quatro ou cinco meses na África, e é nossa obrigação adverti-lo de que será bem duro — informaram-lhe pelo telefone, de Hollywood. Você terá que viver a maior parte do tempo numa tenda de acampamento e cobrirá milhares e milhares de léguas da parte mais inóspita do Continente Negro, centenas das quais sôbre seus próprios pés doloridos. Os rapazes da produção escolheram locais para filmagem a que sòmente loucos, animais e a Metro-Goldwyn-Mayer se atreveriam a ir. Você verá a África, está certo, mas você vai vê-la da pior maneira, Carlson.

— Aceitei a oferta antes mesmo que a voz de Hollywood tomasse novo fôlego — sorriu Carlson. Tôda a minha vida desejei ir à África e aí estava a minha oportunidade de ouro para ir, e para representar e escrever ao mesmo tempo. Aconteceu que a viagem foi mais longa, mais difícil e mais penosa do que o que havia predito o informante de Hollywood. Porém, eu pularia de satisfação à perspectiva de tornar a fazê-la amanhã.

Foram vinte-e-quatro as pessoas que integraram a "troupe" que voou de Hollywood a Nairobi. Êste grupo incluía os dois "astros" do filme, Stewart Granger e Deborah Kerr, o ator Richard Carlson, dois diretores (Compton Bennett e Andrew Marton) e dezenove operadores, homens de produção e técnicos. Em Nairobi, mais vinte-e-seis membros para a equipe foram recrutados e, quando a enorme expedição empreendeu a marcha, oito caçadores brancos e cinqüenta carregadores nativos foram adicionados ao "safari".

— No elenco oficial dos personagens do filme estou classificado como irmão de Miss Kerr, mas, na verdade, eu fiz o papel de uma dama de companhia carregando uma espingarda para a bela Deborah e o Caçador Branco Granger — disse Carlson rindo. — Nenhum censor permitiria àquele simpático casal enveredar pela jungle acompanhados apenas pelas feras e alguns milhares de nativos. De modo que lá fui eu, e comigo minha máquina de escrever. À noite, tentei esboçar no papel um quadro do pouco da África que tinha visto naquele dia. Todavia, sòmente um escritor como H. Rider Haggard, em cuja clássica novela de aventuras o filme é baseado, pode tentar descrever aquêle espantoso continente.

— A África é uma terra de vívidos e desconcertantes contrastes — continuou Carlson. — Torramonos ao calor de 70º nas Murchison Falls e gelamo-nos a 30º abaixo de zero. Nós vimos um leão matar uma gazela a menos de três milhas do nosso luxuoso hotelzinho em Nairobi. De um avião-transporte vimos policiais nativos de gorros vermelhos penetrando na densa vegetação montados em burros. Homens e mulheres em vestidos de sarau dançavam em elegantes "night-clubs", enquanto que a apenas pouca distância dali, guerreiros Mazai e Wakamba se contorciam no frenesi emicional de uma dança indígena. No coração do Congo, onde nativos carregando lanças moram em palhoças e feras andam à cata de alimento, os notáveis missionários chamados Pais Brancos, construiram uma magnifica catedral de tijolos feitos a mão e organizaram um côro

(Cont. na pág. 31)



Stewart Granger e Deborah Kerr vivem uma cena de amor em plena canícula do Continente Negro. Como se vê, Stewart Granger está suando — e não é bem por causa do sol...



Humano e real, muitos consideram o filme uma espécie de «Ladrões de Bicicletas»

"O PREÇO DE UMA VIDA"

CHEGA À TELA A HISTÓRIA VERDADEIRA DA VIDA DE UM PEDREIRO

De GINO SANTILLI

HOLLYWOOD — março — Quando Pietro Di Donato completou o seu «Christ in Concrete» («Cristo em Concreto), doze anos atrás, êle não podia de forma alguma prever o método tão indireto através do qual a sua grande novela seria apresentada nos cinemas brasileiros. A versão fílmica «O Preço de uma Vida», adaptada para o cinema por Ben Barzman, tem verdadeiramente um sabor internacional.

Escolhida em 1939 como uma seleção do Clube «Book-of-the-Month», «Christ in Concrete» foi traduzida em dez línguas, e teve um grande êxito de venda na Itália, sob o título de «Cristo entre os Pedreiros». Naquele país foi que Rod Geiger leu o romance, durante a Segunda Guerra Mundial, e vislumbrou possibilidades cinematográficas em sua história semi-autobiográfica sôbre um pedreiro de ascendência italiana, que vivia em Brooklyn, Nova York.

Quando Geiger voltou aos Estados Unidos, sua tarefa principal era a de obter os direitos cinematográficos de «Christ in Concrete» — mas êle não pôde obter financiamento italiano para produzir a película, depois de separar-se de Rosselini, tão depressa acabou a filmagem de «Paisá». As câmeras, finalmente, começaram a funcionar com capital americano, num dos estúdios de J. Arthur Rank, em Londres, sob a direção capaz de Edward Dmytryk, e com um elenco internacional encabeçado por Sam Wanamaker (americano), Lea Padovani (italiana), Kathleen Ryan (irlandesa) e Bonar Colleano (italiano). O restante dos artistas eram de origem irlandesa, inglêsa e tcheco-eslovaca.

«O Preço de uma Vida» é a história de um jovem pedreiro de Brooklyn que se enamora de uma jovem irlandesa que não deseja casar-se com êle, e que, subsequentemente, casa com uma jovem recém-vinda da Itália, a quem nun-



As cenas de amor são reais e sinceras. Não houve a preocupação de fantasiar nenhuma cena.

ca vira antes. Êles sonham possuir uma casa nova, mas não dispondo de dinheiro para comprá-la, o proprietário lhes permite usá-la durante uma lua de mel de três dias. Mais tarde, êles se mudam para uma casa de cômodos, onde nascem seüs filhos. A luta pela vida torna-se gradativamente mais árdua, com a chegada de uma depressão. Desempregado, êle percorre as ruas, em busca de trabalho. Finalmente, consegue um emprêgo como capataz de um projeto de construção cujos construtores não dispõem de fundos e, com o desejo de economizar, não observa as regras usuais de segurança, pelo que uma parede vem abaixo e êle morre sob o pêso de blocos de concreto. Sua jovem viúva recebe uma pequena soma de dinheiro — por fim, ela pôde comprar a casa. Mas ao receber o dinheiro, ouvem-na dizer: «E' êste o preço de uma vida?»

«O Preço de uma Vida», produção da Eagle Lion, já foi exibida em Nova York, Londres e Roma, havendo recebido excelentes críticas e obtido bom êxito de bilheteria. Essas são ótimas notícias para Pietro Di Donato, que espera que os lucros da película ajudem a solucionar os problemas da sua vida. Quando o Clube «Book-of-the-Month» publicou seu livro, em 1939, e o «Christ in Concrete» foi vendido a um nível superior a 300.000 exemplares, êle pôde, por fim, deixar de trabalhar como pedreiro — mas não por muito tempo, de vez que as suas «royalties» declinaram e suas obrigações de família aumentaram. Hoje, êle ganha a vida com uma firma de construção, Di Donato & Irmãos, sediada em Huntington, Long Island, não muito distante de sua casa em Setauket.

AINDA SABE MANEJAR UMA COLHER DE PEDREIRO

Di Donato, aos trinta e oito anos de idade, é o mais velho de cinco irmãos e o sócio fundador da firma que dirige com John e Jack. A colher de pedreiro é um instrumento conhecido por Pietro desde a idade de doze anos. Êle começou como aprendiz, em 1923, logo depois que seu pai morreu enquanto trabalhava num projeto de construção.

Vários anos antes, o avô de Pietro morrera da mesma forma, na Itália. A recordação da morte do seu pai, e de acidentes, frequentemente fatais, com outros operários, permaneceram em sua memória até começar suas tentativas como escritor — e o primeiro conto seu, publicado na revista «Esquire», na primavera de 1937, teve como tema a morte de um pedreiro. Essa história, desenvolvida mais tarde na forma da novela «Christ in Concrete», e depois em «O Preço de uma Vida», apresenta uma cena vívida e emocionante do mesmo acontecimento.

Di Donato tem prazer em executar seu trabalho ao ar livre, e sua configuração atlética é motivo de inveja para os seus colegas literários de vida mais sedentária. Por seu turno, êle desejaria poder dedicar mais tempo a escrever, mas depois de um dia árduo de trabalho êle freqüentemente se sente demasiado cansado para escrever sequer uma linha.

Se «O Preço de uma Vida» obtiver tanto êxito no Brasil como em outros países do mundo, Pietro Di Donato tenciona dispender menos tempo com a firma de construção da família e mais diante de uma máquina datilográfica.



Triste, comovente, alegre e humano, «O Preço de uma Vida» é uma história tão verdadeira como a própria vida.

ANTOLOGIA DOS CRONISTAS CARIOCAS

N.º XIII

PERY RIBAS

Nome verdadeiro: Pery Ribas. Assina sempre Pery Ribas. Já usou vários pseudônimos: — P. R., Operador, etc.

Nasceu em Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, a 26 de junho de 1904. Pertence, pois, à geração dos "veteranos", da Velha Guarda da Crítica Cinematográfica.

Estudou em Pelotas, Rio Grande e Garibaldi.

E' fã desde os oito anos, no tempo de Max Linder, Bigodinho, Robinet, Robert Dinesen, Asta Nielsen, Psilander. Naquele tempo não se colecionava retratos de artistas, — colecionava-se pedacinhos dos filmes, arranjados com os operadores dos cinemas... e até cartazes originais de fitas. Sendo do tempo em que o cinema começava, Pery pode orgulhar-se de ter assistido muitos filmes famosos, citados nos modernos livros de cinema, embora isso importe numa confissão de velhice...

Nunca mais esqueceu os filmes de Urban Gad, de Victorin Jasset na Eclair, principalmente o célebre "Zigomar" e o impressionante "Revolta numa prisão de loucos"; as películas de August Blom — "O chanceler negro", etc. O primeiro filme que o fêz "pensar", i-é, aquêle em que começou a compreender que o cinema tinha sua linguagem própria foi "Sofrer, sorrir, beijar" (Clarence), um velhíssimo filme da Paramount, com Wallace Reid, Agnes Ayres, May McAvoy, Edward Martindel e Adolphe Menjou, dirigido por William C. de Miller, argumento extraído da novela de Boot Tarkington. Ainda garôto teve um jornalzinho manuscrito, todo preparado com letras de imprensa... Mais tarde, já fã, redigiu uma pequena revista — "Cinema Artístico" — feita a mão.

Seu contato com o cinema nacional data de 1913 quando conheceu o primeiro estúdio — Guarani Filme, de Pelotas — que filmou o "thriller" "O crime dos banhados".

Começou a fazer crítica cinematográfica, como jornalista especializado, no jornal "O Libertador", de Pelotas, por deferência de seus dois primeiros diretores, o Dr. Francisco Antunes Maciel Jr. e Júlio Ruas. Durante anos sua seção foi das mais lidas e estimadas entre os fãs e os exibidores locais, a três dos quais Pery pediu-nos que deixasse aqui sua homenagem: Francisco Santos, Francisco Xavier e Raul Zambrano, já falecidos.

Escreveu, mais tarde, nas revistas cariocas "Para-todos" e "Cinearte"; nesta última revista trabalhou durante dez anos, fazendo reportagens, críticas e correio-de-fãs, atingindo o pôsto de secretário quando dela se retirou Ademar Gonzaga em **1941**.

Em 1935, substituiu Celestino Silveira na seção de cinema do "Correio da Noite", ali se conservando até 1944.

Em 1945 foi convidado por R. Magalhães Jr. a assumir a crítica de filmes do vespertino "A Noite".



Organização de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA
Charge de JAIMESON

De 1943 a 1945 orientou a CENA MUDA, como colaborador-secretário, a convite de Celestino Silveira. Passando A CENA a ser secretariada por Magalhães Jr., continuou a colaborar na mesma, escrevendo artigos especiais, criticando os filmes da semana e redigindo as biografias de "Caras e Caretas"; continuou a fazer a mesma seção na fase em que A CENA estêve a cargo de Luís Alípio de Barros.

Em 1948 passou a fazer na revista "Carioca" a seção "Pergunte o que quiser", onde recebe volumosa correspondência de todo o Brasil. Ali são respondidas as mais difíceis perguntas dos fãs que, não raro, exigem investigações e demoradas pesquisas, notadamente no que diz respeito às coisas do passado do cinema. E como Pery tem uma memória fabulosa, os seus colegas o apelidaram de "Arquivo ambulante", e "Homem-Filmografia". Colaborou também em "O Malho"; já fêz críticas no "Diário da Noite" e redige ainda a seção informativa daquele jornal e de "O Jornal", colaborando com o veterano Pedro Lima, com quem está igualmente preparando uma História do Cinema Brasileiro, a ser publicada muito breve. No sul ainda foi colaborador de "Estado do Rio Grande" e na "Gazeta de Notícias", do Rio, redigiu, por algum tempo, o suplemento dominical cinematográfico.

Consegue ler pelo avesso cartazes, programas, títulos de filmes, etc. Em 1927 foi convidado para escrever e dirigir um filme, mas recusou... Já foi publicista; em Pelotas lançou espontâneamente os filmes "Hei de vencer!", "Barro Humano" e "Lábios sem beijos". No Rio trabalhou na Monogram Pictures e na San Miguel Films do Brasil.

Em 1935 foi designado pelos produtores brasileiros representante dos mesmos na Comissão de Censura, mas não pôde aceitar o honroso convite por falta de tempo na ocasião, para desempenhar a função... E' admirador inveterado da célebre "Vida de Cristo" francesa colorida, exibida todos os anos na Semana Santa em todos os "poeiras" do Brasil, filme que assiste sempre para estudar o trabalho de F. Zecca, digno de atenção, diz Pery, "por apresentar um travelling e um close-up, revolucionários para o tempo de seu realizador."

Filmografia selecionada: "O Covarde", "Bêstas Humanas" e "Chispas de Fogo", de Thomas Ince; "As campainhas", de Frank Keenan; "A Ceia da Amargura", de Rex Ingram; "Vassalagem", de De Mille; "Intolerância", de D. W. Griffith (o maior que já asistiu, em cast e valor histórico); "Lírio Partido", também de Griffith; "Varieté", de E. A. Dupont; "A última gargalhada", de Murnau; "Sétimo céu", de Borzage; "Ouro e Maldição", de Von Stroheim; "Sem Novidade no Front", de L. Milestone; "O Delator", de J. Ford; "Mascarada", de W. Forst; "O Lírio Partido", versão falada, de John Brahm; "A Casa da Discórdia", de W. Wyler; "Consciências Mortas", de Wellman; "Cidadão Kane", de Welles; "Monsieur Verdoux", de Chaplin; "Ladrões de bicicletas", de De Sica.

Considera Charles Chaplin (Carlitos) o maior ator do cinema silencioso e maior diretor do cinema falado. Griffith, para êle, é o maior diretor do passado.

Maior atriz do mudo: Asta Nielsen (que para Pery Ribas só teve uma rival: a russa Alla Nazimova).

Maior atriz do falado: Ingrid Bergman.

Músico preferido: — Max Steiner.

Melhor operador: — Gregg Toland.

Não tem preferências entre os cenaristas.

Não gosta de carnaval, de rever filmes, de gente vaidosa, gente falsa, cebola, cortar o cabelo, usar chapéu, andar de guarda-chuva...

E' casado.

Lê inglês, francês, alemão (adivinha o suficiente para entender livros e revistas de cinema) e italiano.

Gosta muito de sopa de er-

(Cont. na pág. 26)

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

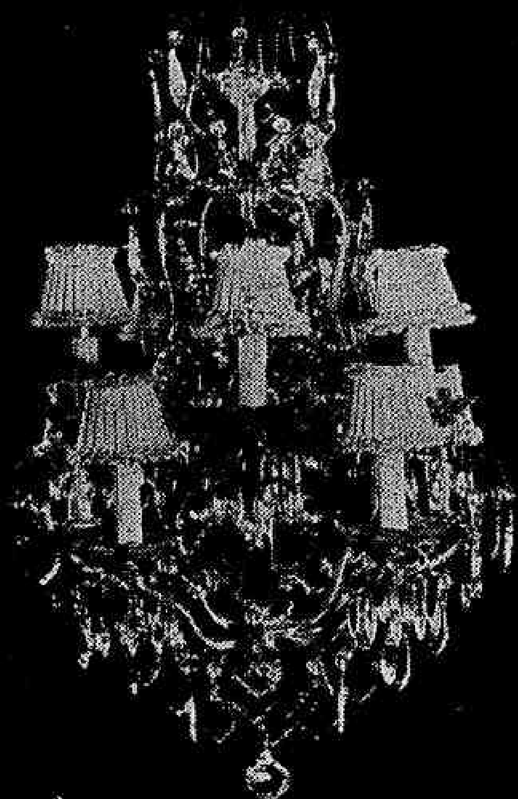
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

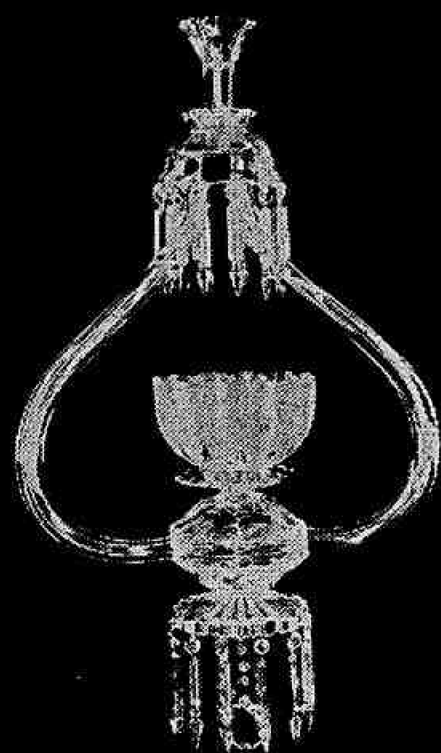
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

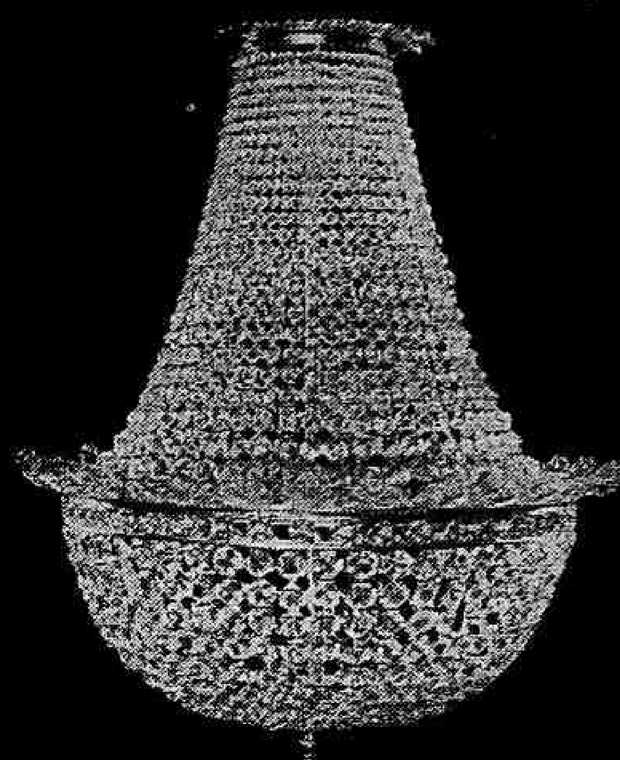
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428


1


2


3


4


5


6

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTA MENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

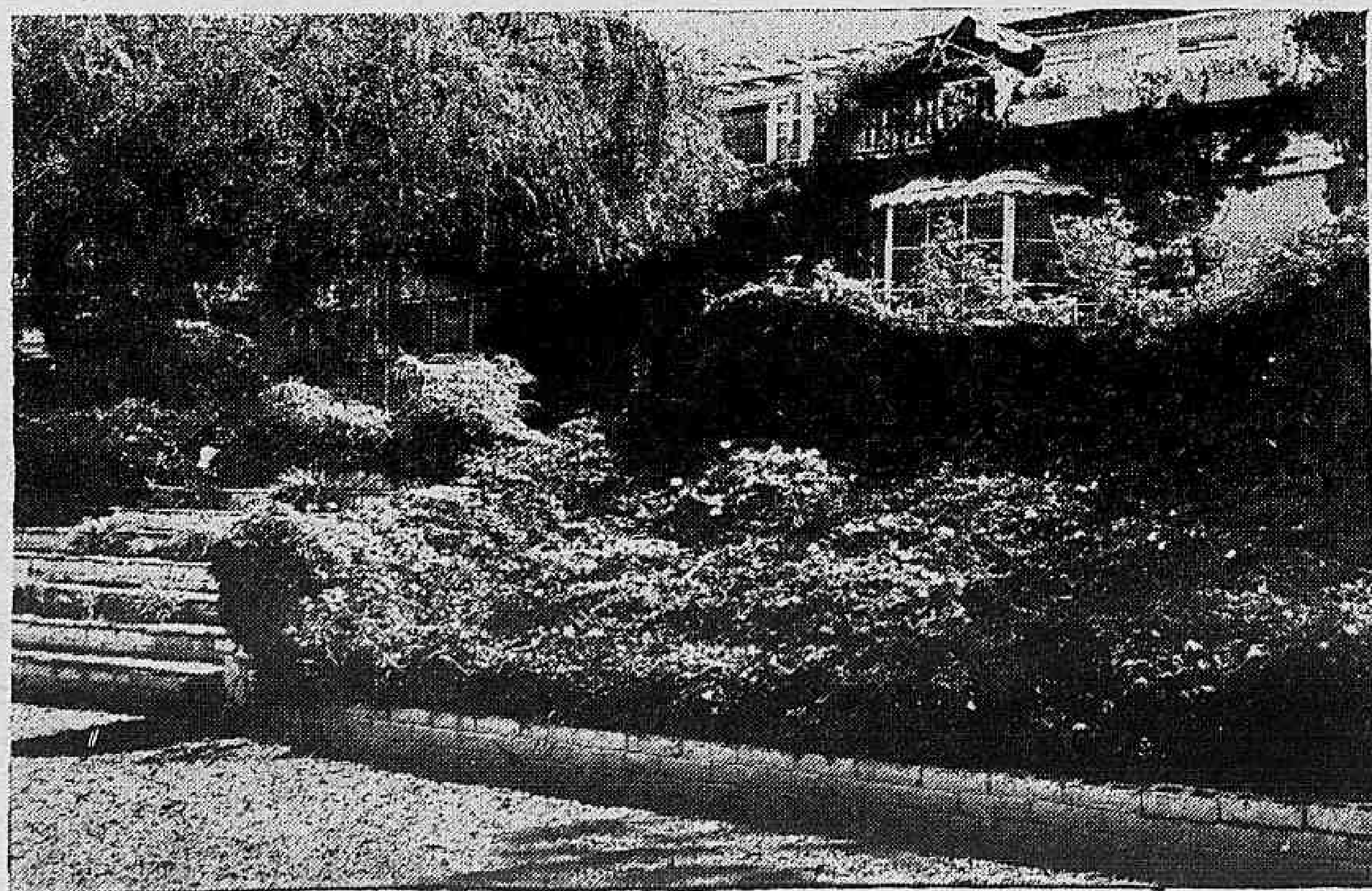
Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDR O onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEM BOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.



. . FRANK SINATRA

OS "ASTROS" MORAM AQUÍ



De **THOMAS KEENE**
Especial para A CENA
Fotos METRO

Não são raros os fãs curiosos que desejam saber como e onde vivem os astros do cinema. Tão humanos quanto nós, os "astros" vivem como eu e você, que está me lendo. Talvez com uma pequena e insignificante diferença: suas residências são realmente encantadoras e estão situadas em localidades paradisíacas. Mas nem



ETHEL BARRYMORE



AVA GARDNER

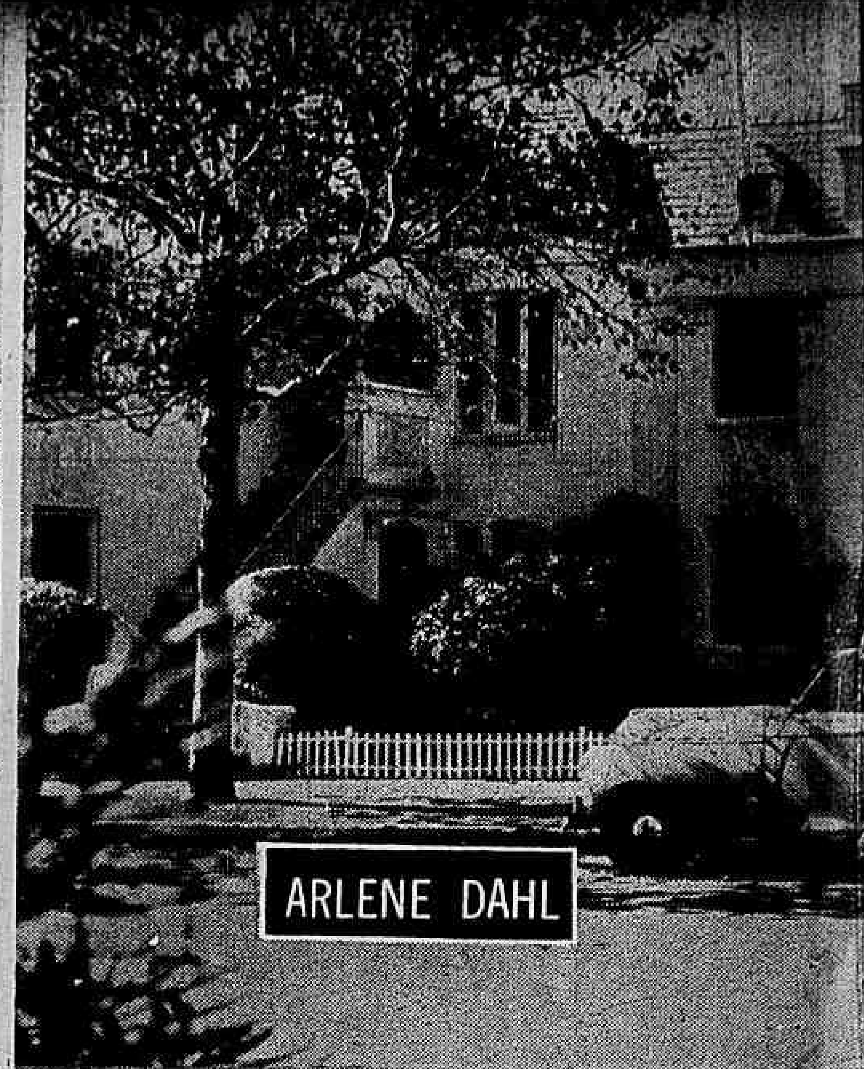
todos, é verdade, têm o privilégio de certas celebridades, que, à custa de muito esfôrço e talvez muita economia, conseguiram fazer de seus lares verdadeiros trechos do Éden. Mas, para que os leitores se certifiquem de que são iguais a qualquer de nós, perdemos um dia em fotografar algumas residências de alguns dos famosos astros da tela. Se algum dia algum dos leitores pretender construir sua própria residência, aqui fica um mostruário, aliás, um dos mais atraentes em todo o mundo. Não resta a menor dúvida, creiam.

→



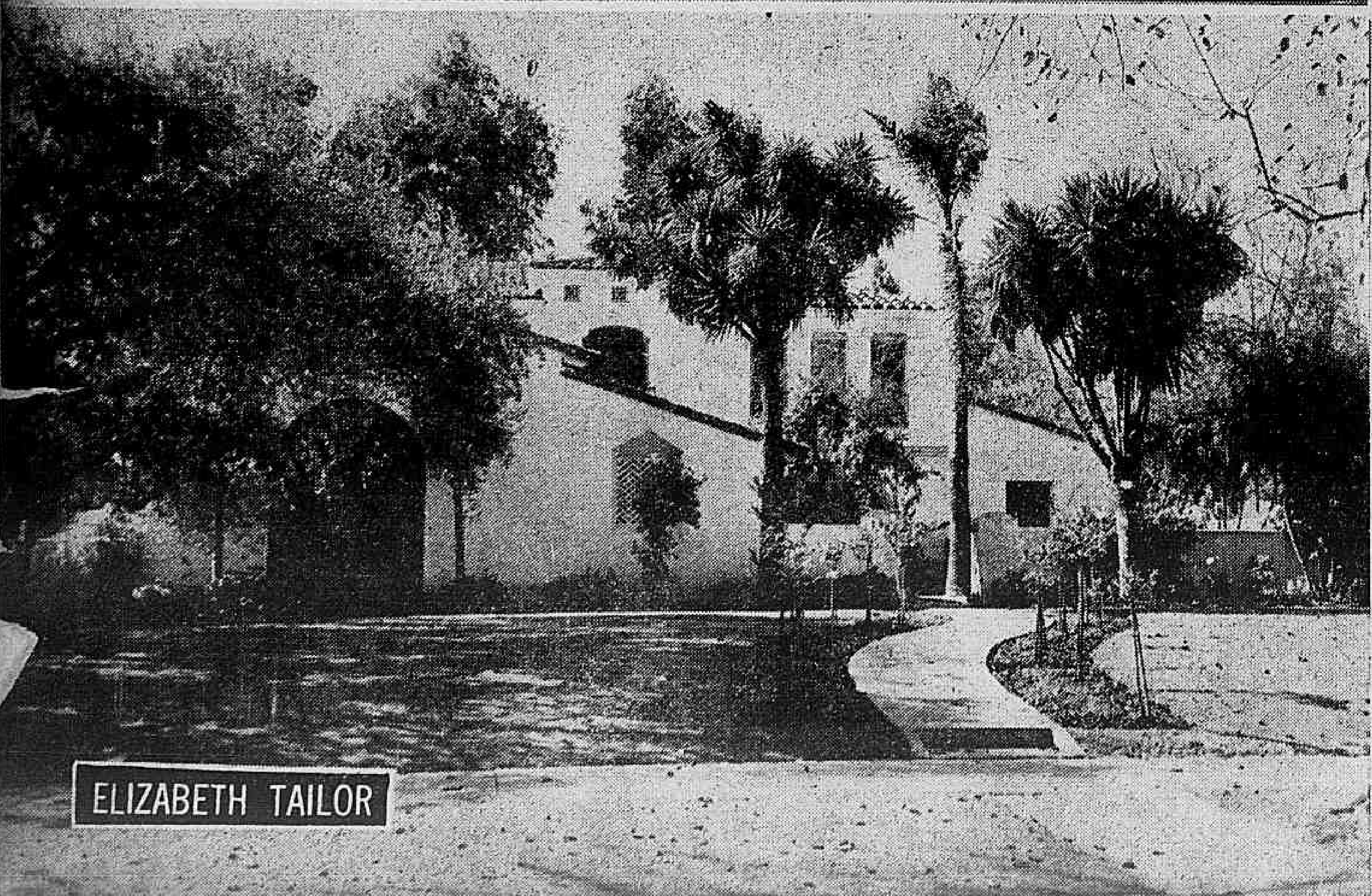
VAN JOHNSON


PETER LAWFORD

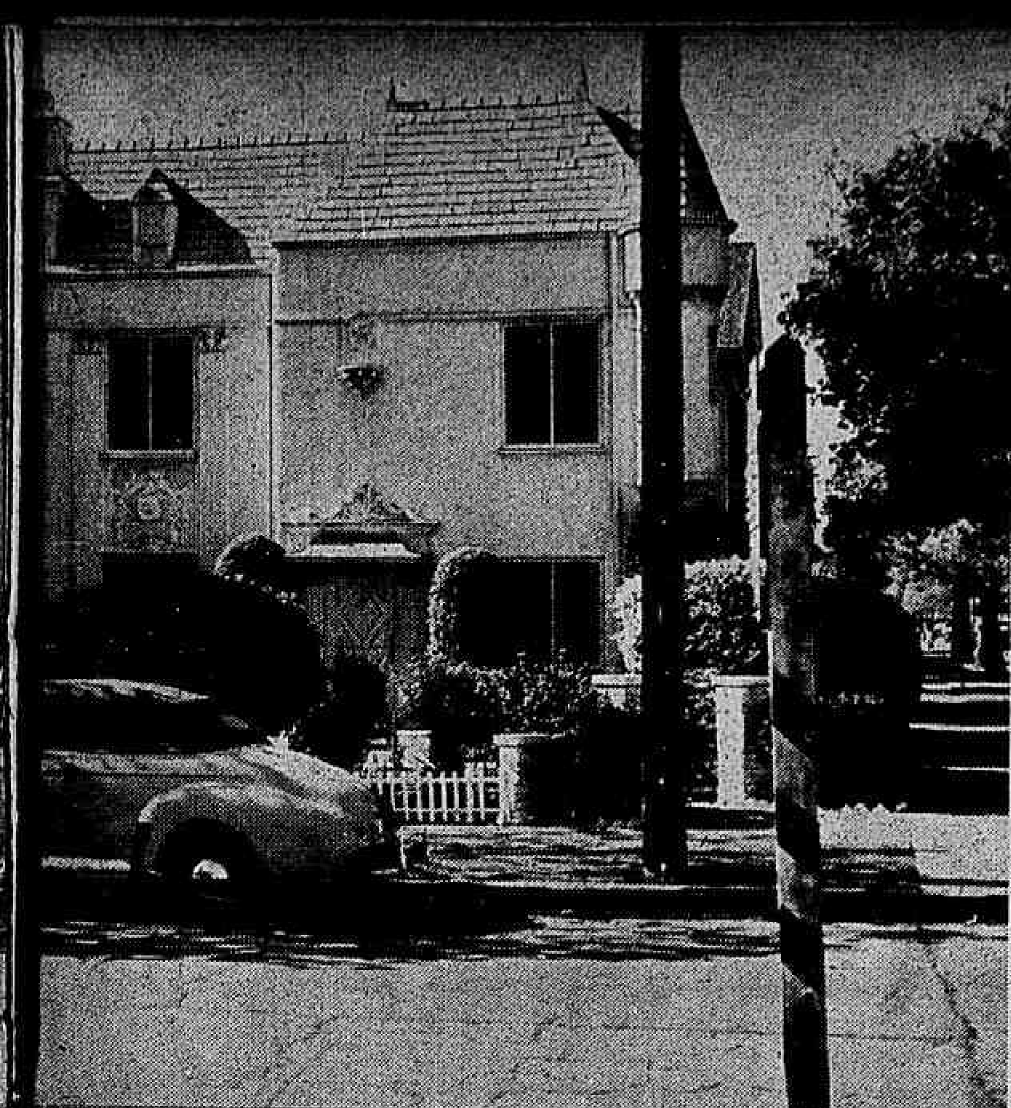

ARLENE DAHL


MARSHALL TOMPSON



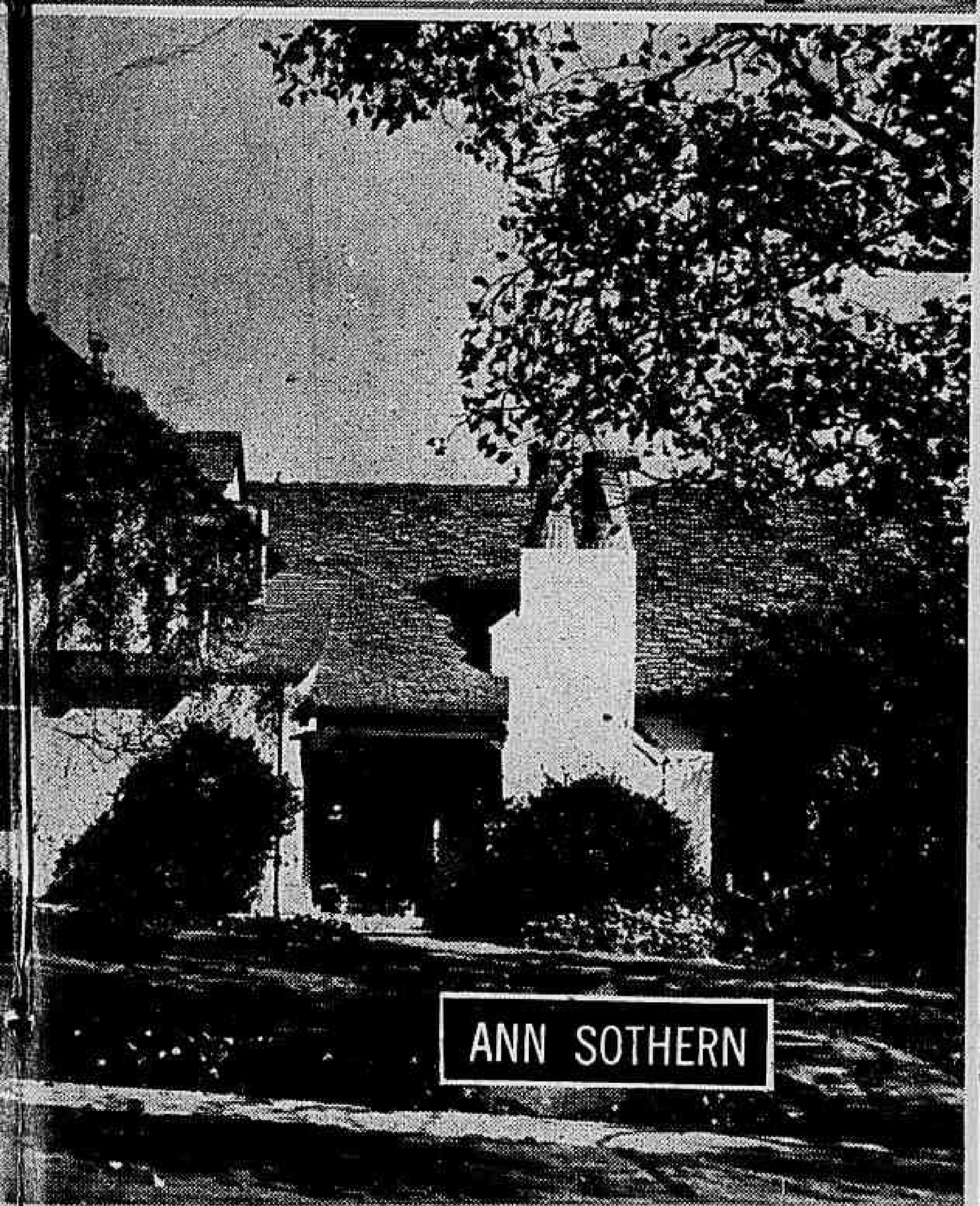

ELIZABETH TAILOR


GREER GARSON

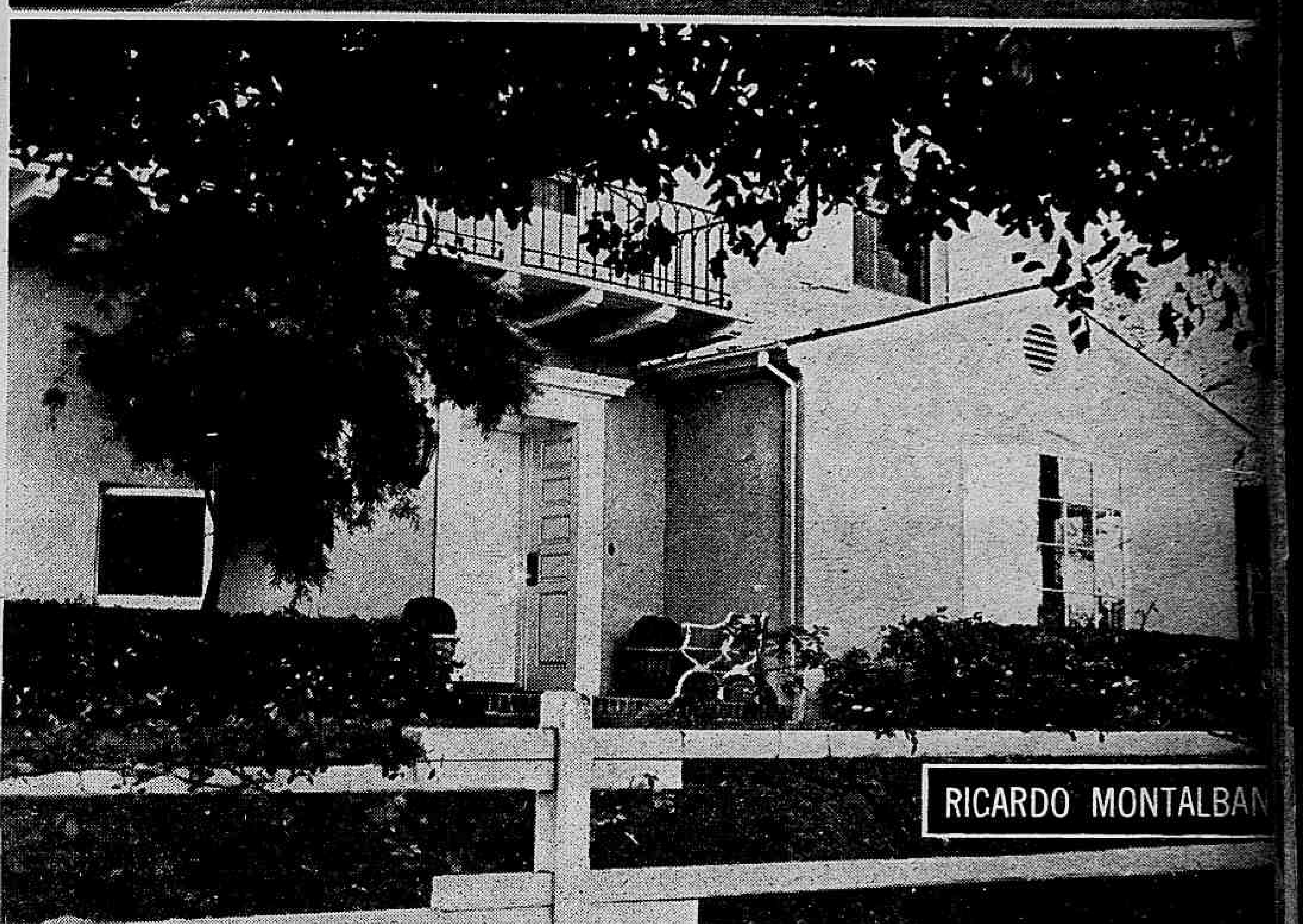




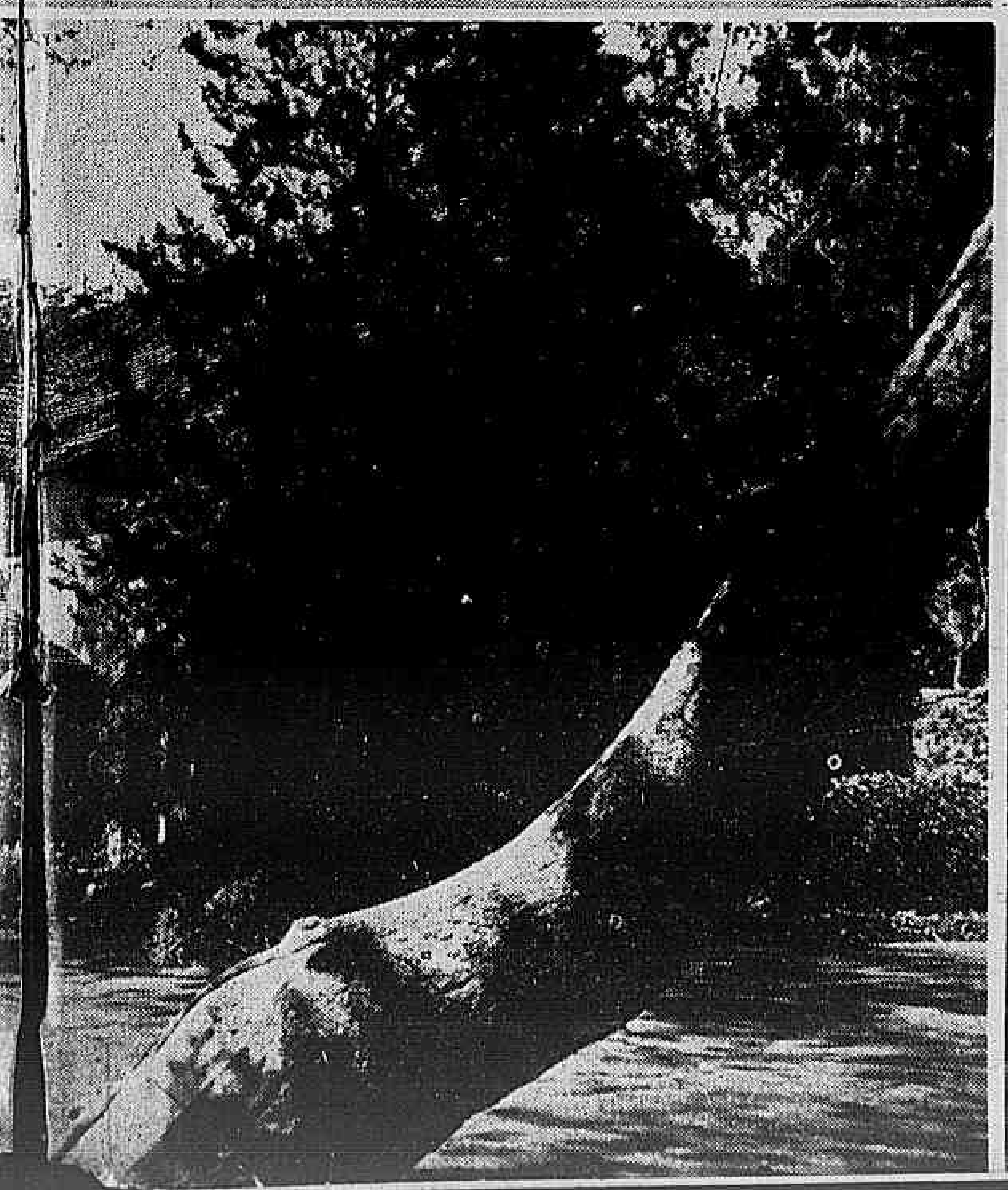
PETER GHAN

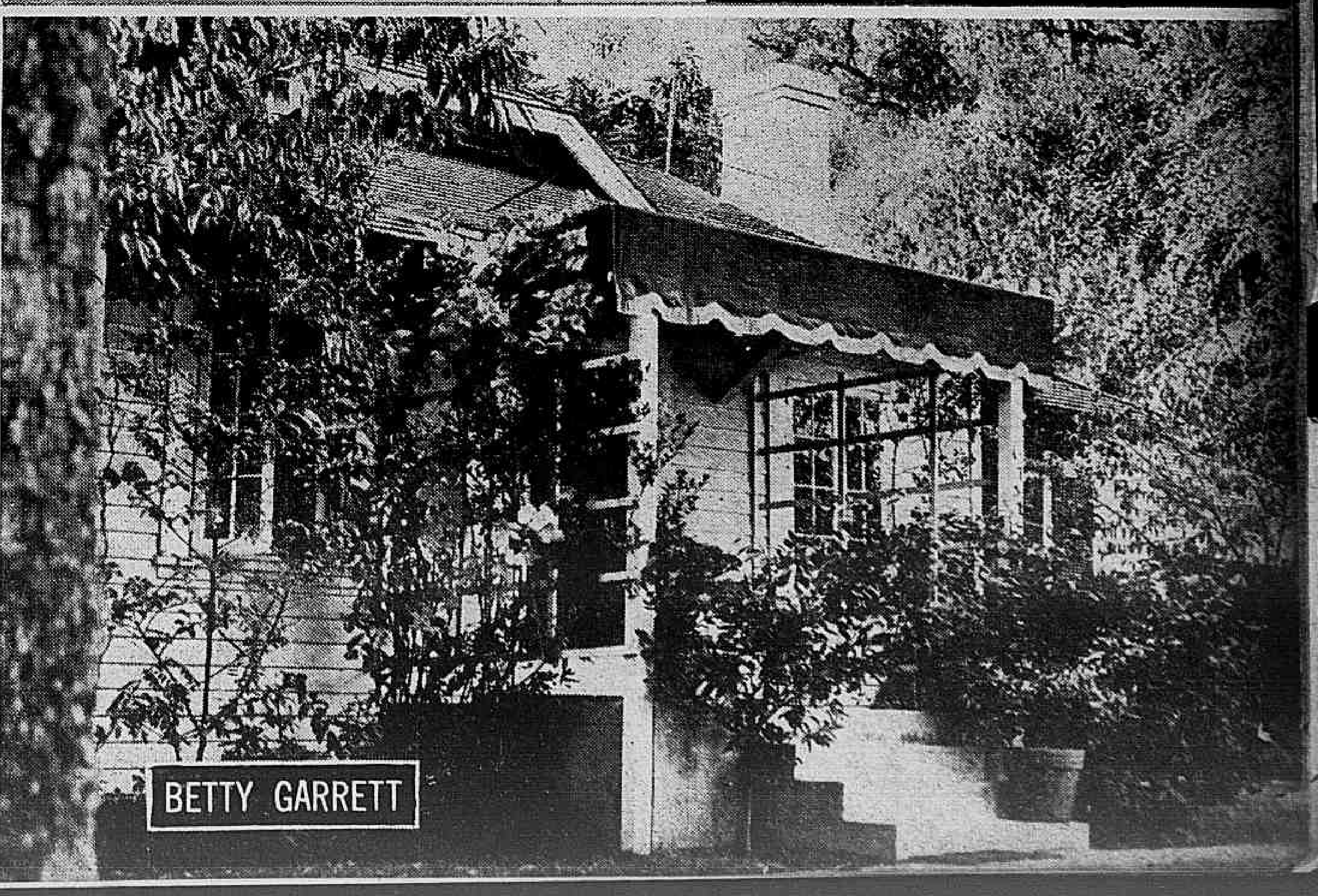


ANN SOTHERN



RICARDO MONTALBAN





BETTY GARRETT



Dan disse ao chefe de quadrilha e proprietário do clube noturno que continuaria a se meter com o seu negócio até que visse êle e seus capangas por detrás das grades.



Rocky Barnes e Dan Purvis conheceram Kate no dia em que prenderam um perigoso meliante. Convidaram-na imediatamente para jantar, ambos disputando as atenções da moça.

CINE-ROMANCE

ÊLES eram apenas dois dentre centenas de outros policiais que patrulham a cidade, enquanto a população dorme, cansada, depois de um dia estafante de trabalho, preparando-se para enfrentar um novo dia. Mas, êles não davam muita importância ao perigo que corriam. Nem Dan Purvis, um homem sempre sério, e Rocky Barnes, sempre alegre e sorridente. Ocupavam o carro-patrulha n. 13.

Enquanto o carro rodava silenciosamente pelas ruas da cidade, Rocky se mostrava intrigado com a voz da nova locutora da central, que lhes chegava aos ouvidos através do rádio que mantinham sempre ligado.

— Está ouvindo esta vozinha deliciosa, velhinho? — disse êle — Calmante e adorável! Tenho de descobrir quem é ela!

Dan sorriu sarcàsticamente e lembrou-lhe que enquanto êles eram fuzileiros navais durante a guerra, Rocky também tinha gostado da voz da Rosa de Tóquio! A discussão terminou quando a locutora deu-lhes ordem para investigar o que acontecia no Restaurante Romano. Correndo para o endereço, êles descobriram que um malfeitor havia surrado o proprietário e jogado uma bomba de mau cheiro no lugar.

Embora Romano estivesse com mêdo de falar, Dan tinha uma suspeita que isto era trabalho de Joe Quist, um capanga de Ritchie Garris, proprietário do "night club" Startlight. Sem demora o carro-patrulha n. 13 começou a cortar as silenciosas ruas da cidade em direção a êste clube noturno, onde prenderam Joe Quist, sem dar ouvidos aos protestos de Ritchie Garris.

No Distrito, o veterano tenente Masterson juntou-se a Dan e Rocky nos seus esforços para persuadir Romano a identificar Joe Quist como o seu assaltante. Mas o dono do restaurante estava aterrorizado e se recusou a falar. Sem outro jeito, a polícia foi obrigada a soltar o terrorista de Garris. E assim se repetia a história de sempre.

— Esqueça disso, velhinho. — disse Rocky tentando alegrar Dan um pouquinho, embora êle também tivesse sido abalado por mais êste fracasso. — Um dia dêstes nós faremos o trabalho direitinho e não haverá maneira de Garris escapar.

Uma semana depois, quando êles foram designados para o patrulhamento diurno, Rocky sentiu falta da voz da locutora, mas, chegando ao



A PATRULHA DA MORTE



Um dia antes do casamento de Kate, ela foi avisada que um bandido pretende tirar a vida de seu noivo Rocky. No entanto a moça continua aceitando o casamento.



«— Katie,» — sussurrou Rocky, sorrindo-lhe. Ela conseguiu reter as lágrimas e indagou: — «Parece-me que você está querendo dar o fora do casamento». Pouco depois êle expirava.

distrito depois do serviço, ouviu aquela mesma voz no escritório de Masterson. Sem um segundo de hesitação êle entrou no gabinete do chefe, usando de uma desculpa esfarrapada.

Masterson estava terminando de fitar uma carta para a moça quando êle entrou. Rocky observou que ela era tão bonita quanto à sua voz.

— No momento é só, Kate — disse Masterson.

Depois que ela se tinha retirado, Masterson se divertiu enquanto Rocky tentava tornar um pouco convincente o seu motivo para ter entrado em seu gabinete. E, quando Rocky, ligeiramente encabulado, pediu licença para saír, um sorriso se debuxou nos lábios de Masterson. Êle estava cônscio da inclinação romântica de seu subordinado.

Quando Rocky emergiu do gabinete do chefe, estacou boquiaberto, pois Dan estava sentado ao lado da mesa de Kate. Casualmente êle fêz as apresentações:

— Rocky, quero apresentar-lhe Miss Katherine Mallory. Rocky Barnes..."

— Você está ficando estranhamente audacioso. — disse Rocky a Dan — Que mais você descobriu, além de seu nome?

— Miss Mallory ingressou no Departamento de Polícia há quatro semanas atrás, substituiu durante duas semanas o locutor da Central e, a partir de hoje, foi designada para trabalhar aqui como estenógrafa e discoterária.

Rocky sorriu:

— Miss Mallory, posso chamá-la de Kate?

—Se assim o quiser — respondeu ela resignadamente. — Eu sabia que em menos de um minuto você chegaria logo a êste ponto.

— Kate, hoje à noite você vai ter o inesperado prazer de jantar com dois policiais solitários. Simpáticos, alegres... perfeitos cavalheiros.

— Eu vou...? E quem são êles? Creio que o primeiro é o guarda Purvis. — disse ela virando-se para Dan.

— O outro — acrescentou Rocky — é o sujeito que apostou que você era tão bonita como a sua voz... e isto prova uma notável intuição.

Kate não queria aceitar. Não desejava envolver-se romànticamente com policiais. Ela própria era filha de um guarda — um dos melhores do Departamento policial do Estado, segundo lhe diziam — mas que um dia fôra assassinado. Kate vira a sua mãe sofrer e ela mesma sofrera tremendamente. Mas... quem poderia resistir a Rocky? Por isso ela acedeu. **Mas só esta vez!**

Dan desejava unir o prazer ao dever. Assim os três se dirigiram para o "Starlight". Rocyk acabava de sugerir um brinde quando Dan notou que dois homens seus velhos conhecidos se encaminhavam para o escritório de Ritchie. Eram Leo Cusick, um malfeitor que operava no Leste e o outro o seu capanga, Harry Yosto.

Enquanto Rocky dançava com Kate, Dan telefonou para a Central, notificando o que observara.

Os dois homens parece que irritaram Garris, pois quando êle emergiu de seu escritório dirigiu-se para a mesa dos policiais, avisando-lhes que não se metessem com o seu negócio.

Em pouco já se criara uma desagradável atmosfera de discussão e Rocky, com os pensamentos voltados para Kate e nos divertimentos que êles planejavam usufruir naquela noite, sugeriu que os três se retirassem. Logo depois os três deixaram o "Starlight".

Kate regressou ao lar num deplorável estado de espírito e por mais que a sua mãe se esforçasse, não conseguia fazer com que a sua filha se entusiasmasse um pouco com Dan ou Rocky. Ela tinha mêdo. Um mêdo que provinha da morte de seu pai e desde então ela se decidira a nunca casar com um policial. A sra. Mallory, sua mãe, não conseguia compreender, mas a sua oportunidade apareceu no dia seguinte, quando os dois policiais viram um sinal que ela pusera na janela, anunciando o aluguel de dois quartos. Quando Kate voltou do trabalho sua mãe lhe explicou que alugara os quartos a um "casal muito decente".

Kate se enfureceu quando descobriu que o "casal muito decente" era Dan Purvis e Rocky Barnes!

— Nunca me livrarei de vocês — lamentou ela.

★

Houve um alarme geral e todos os carros-patrulha foram chamados à Central para um encontro a fim de que fôssem todos alertados para a possibilidade de um estado de guerra no mundo do crime; a polícia secreta tinha seguido o pressentimento de Dan sôbre Cusick e fizera investigações.

— Cusick e seus capangas estão transferindo-se para aqui. — disse aos homens o tenente Masterson — A sua base de operações é um lugar chamado Premir Loan Company, segundo se suspeita.

O plano da companhia de empréstimos já havia sido usado antes do Cusick. Destinava-se àquêles que faziam empréstimos para pagar dívidas de jôgo. Depois de emprestar o dinheiro, Cusick tirava tudo que as vítimas possuíam como pagamento. Significantemente, a rua Archer, onde estava localizada a companhia de empréstimos, ficava a apenas uma milha do clube "Starlight".

Em seguida o tenente Masterson advertiu Purvis e Barnes para que mantivessem os seus olhos abertos, pois patrulhavam uma zona por demais perigosa.

As dificuldades começaram a surgir alguns dias depois. Dan e Rocky patrulhavam a sua zona e passavam em frente ao clube de Garris, mas não podiam estar em dois lugares simultâneamente. Nesse mesmo instante, Joe Quist dirigia um carro a tôda velocidade para o lugar de Cusick, enquanto Garris ao seu lado tinha um rifle preparado para atirar. Ficaram com o carro parado no meio das sombras e esperaram até que quatro pessoas emergiram do escritório de Cusick. Então, Garris fêz pontaria e começou a atirar contra os homens.

No carro 13, Dan e Rocky sentiram-se eletrificados ao ouvir o alarme geral, anunciado por Kate. Esta era a oportunidade que esperavam e sem perda de tempo dirigiram-se para o escritório de Cusick. Algumas quadras adiante avistaram um sedan que cruzava uma rua velozmente.

— Eis o nosso amorzinho! — gritou Dan, iniciando a perseguição.

Não demorou muito, os malfeitores conseguiram evitar a perseguição, mas Rocky havia notificado a Central da perseguição e já havia diversos carros-patrulha espalhados pelo bairro. Quist foi obrigado a mudar o seu itinerário e novamente se viu perseguido por Dan e Rocky.

Rocky começou a atirar contra os pneus do carro de Garris e êste respondeu com tiros que furaram o carro. Na sala de transmissões, Masterson e Kate, temerosos, ouviam os barulhos da luta através do rádio. Então o silêncio os envolveu.

— Provàvelmente o rádio do carro foi atingido — disse Masterson — Vou saír num carro.

Finalmente Rocky conseguiu atingir um dos pneus do carro perseguido, que derrapou perigosamente na estrada e parou a alguns metros de distância. Dan parou o carro ao lado do sedan de Garris e os dois policiais deixaram o carro-patrulha, ambos empunhando revólveres e com o máximo de cuidado. Quando Dan abriu a porta do sedan, Garris saíu cambaleando, mas logo depois recuperou a consciência e balbuciou: — **"Vocês dois!"** — Num segundo Garris fazia uma proposta aos dois policiais:

(Cont. na pág. 30)

Título original:

"Between Midnight and Dawn"

ELENCO:

Rocky Barnes	**Mark Stevens**
Dan Purvis	**Edmond O'Brien**
Kate Mallory	**Gale Storm**
Ritchie Garris	**Donald Buka**
Terry Romaine ...	**Gale Robins**
Tte. Masterson	**Anthony Ross**
Leo Cusick	**Roland Winters**
Romano	**Tito Vuolo**
Mrs. Mallory	**Madge Blake**
Kathy	**Lora Lee Michel**
Luiz Franissi	**Jack Del Rio**
Joe Quist	**Phillip Van Zandt**
Sto. Bailey	**Cliff Bailey**
Harry Yost	**Tony Barr**
Rod Peters	**Earl Bretboard**
Superintendente do edifício	**Wheaton Chambers**
Espôosa do superintendente	**Frances Morris**

Um filme da Columbia Pictures — Produção de Hunt Stromberg — Direção de Gordon Douglas — Cenário de Eugene Ling — Baseado numa história de Gerald Drayson Adams e Leo Katcher.



NOVO FILME NACIONAL

DEPOIS de «Presença de Anita», prestes a ser lançado, a Maristela ultima sua segunda produção: «Susana e o Presidente», uma comédia leve e divertida, história original de Ruggero Jacobbi e Gino de Santis, com diálogos de Alfredo Palácios e Armando Couto.

Ainda está no elenco o popular palhaço «Arrelia», que terá, segundo suas próprias afirmações, a sua verdadeira oportunidade no cinema.

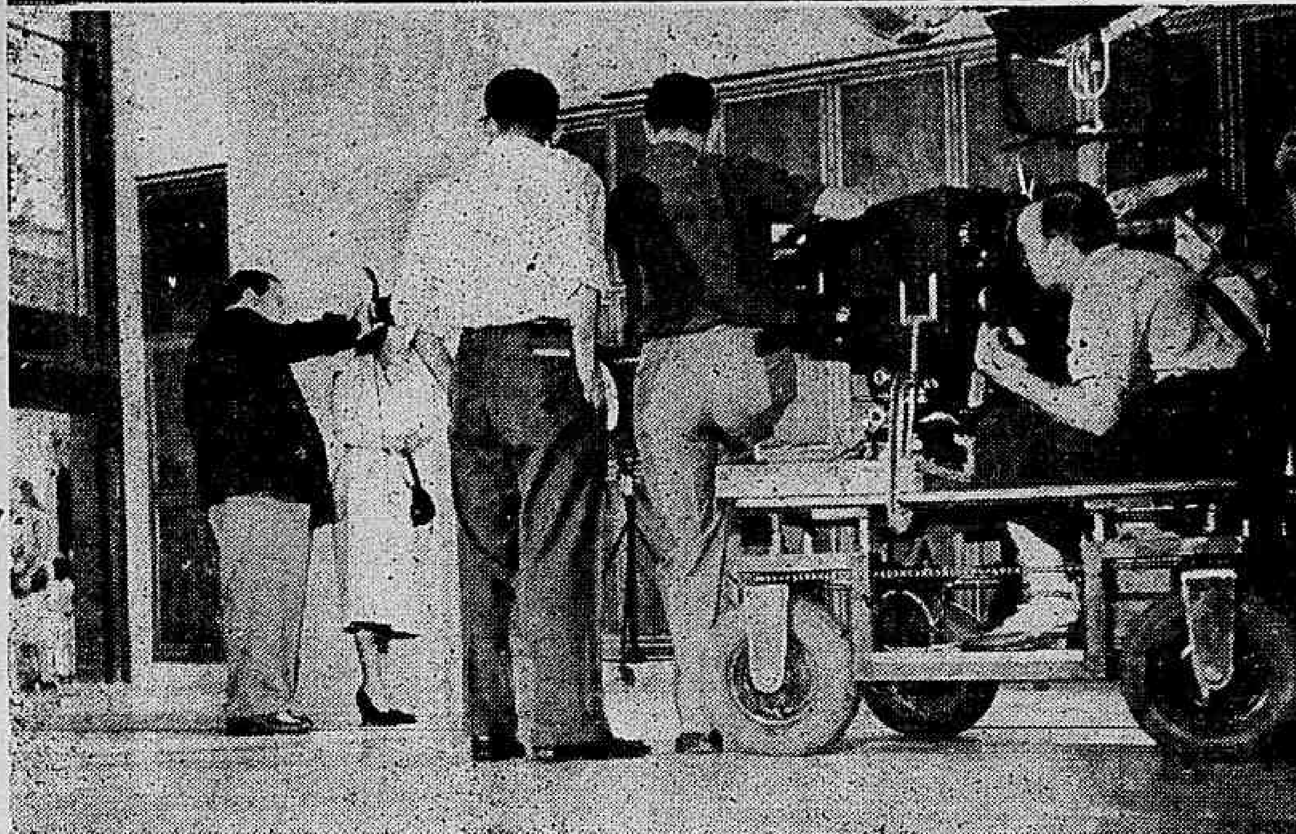
E' digno de destaque o fato de a Maristela ter contratado o popular «crack» Leônidas, do São Paulo Futebol Clube, para aparecer no filme, representando a sua própria figura. Leônidas será, segundo dizem os técnicos, uma surprêsa para o público, pois representa com naturalidade e fotografa muito bem.

A parte técnica do filme ficou a cargo de Alberto Atilli, na direção da produção. Mário Pagés, na direção de fotografia. Juan Carlos Landini, na câmera. Oscar Juarez e Flávio Tôrres na maquillage. Jacques Lasgards no som. A cenografia é de Luciano Gregory que também aparecerá num dos papéis do filme.

A direção artística do filme está a cargo de Ruggero Jacobbi, que irá confirmar os elogios que grangeou dos que tiveram a oportunidade de ver ao copião de «Presença de Anita». Ruggero, que é diretor exclusivo da Maristela fará, ainda êste ano, mais um filme. A assistência de direção está a cargo de Armando Couto, cujos dotes profissionais a imprensa não se cansou de elogiar pelo seu trabalho de direção em «D. Juan» e ùltimamente em «Fugir, Casar ou Morrer» que dirigiu para a Cia. Fernando de Berros.

A história de Susana é uma história de todos os dias. A da menina do interior que desiludida do amor, vem para a cidade grande desejando fugir a Cupido e dedicar-se exclusivamente ao trabalho. A verdade porém é que Cupido a persegue e ela se vê envolvida em engraçadíssimas complicações amorosas com o presidente da firma em que trabalha. Por outro lado o presidente é um aficionado do futebol e mantém um quadro de amadores sob a orientação de Leônidas. Acontece, como sempre, que o dono do time, ou seja, o presidente da Companhia, é quem enterra o quadro, nunca acertando o pé, sendo causador de inúmeras derrotas... E assim vai se desenvolvendo uma deliciosa história de amor, repassada de ternura e entremeada de risos. «Arrelia» — viverá o papel do contínuo Genarino, elo da cadeia que une Susana ao presidente...









TRAÇOS BIOGRÁFICOS

JEAN COCTEAU

NASCEU em Maisons-Lafitte, próximo de Paris, França, a 5 de julho de 1889. Estudou no Liceu Condorcet. Viajou para Veneza aos 15 anos. Contato com Catulo Mendes, E. Rostand, J. Lemaitre, M. Proust. Publicou aos 16 anos seu primeiro feixe de versos. Ligou-se a André Gide, J. E. Blanche, Igor Strawinsky. Recusou a Cruz de Guerra, por se considerar um combatente clandestino, em 1918. Fundou uma casa editôra com Blaise Cendrars. Aproximou-se do catolicismo com J. Maritain, depois afastou-se. Fêz a volta do mundo em 80 dias e publicou o resultado dêsse deriplo em "Paris-Soir". Depois da guerra viajou pela Grécia e Egi o. Escreveu várias obras de poesia, ficção (romances, crítica, teatro), diálogos de filmes. Dirigiu para o cinema: "O Sangue de um Poeta" (1932), "A Bela e a Fera" (1946), "Águia de Duas Cabeças" (1947), "Les parents terribles" (1949) e "Orfeu", (1950-51), que ganhou o Grande Prêmio da Crítica Internacional no Festival de Veneza (1950) e o Prêmio da Melhor Partitura Musical, no Festival de Punta del Este (1951).

Só existe uma palavra que pode definir e explicar a extraordinária personalidade de Jean Cocteau, seu gênio multiforme, sua arte de várias facetas, sutil, desenvolta, às vêzes mistificadora, sempre espontânea e profunda: um poeta. Só se pode pensar nêle como poeta, isto é, um mensageiro e mágico ao mesmo tempo. Para transmitir sua mensagem êle usa sempre os mitos eternos, mas conhece também os encantos de Marlin e faz uso dêles com grande destreza, a destreza com a qual o prestidigitador usa a sua vareta ou o seu chapéu.

Tem publicado poemas admiráveis, romances, ensaios. Levou à cena peças e foi intérprete de algumas. Desenhou costumes e cenários para o palco. Escreveu diálogos para o cinema. Desenha e pinta com mão leve arabescos e linhas... Romancista, dramaturgo, criador de costumes teatrais, intérprete, Jean Cocteau não cessa de ser um poeta...

O cinema é atualmente uma forma nova de poesia para êle. Em "O Sangue de um Poeta", obra de sua juventude de uma beleza inquietante, Jean Cocteau já havia tentado utilizar uma nova forma para exprimir os seus sonhos mais liberais e ousados: o uso da máquina de sonhar, no cinema. Nunca mais cessou de pensar naquelas imagens fugazes, naquele aparelho misterioso que fabrica ilusões. Avizinha-se a isto lentamente, por escala: alguns diálogos para o microfone, algumas histórias para a câmera cinematográfica e quando acreditou poder pretender um pôsto em um estabelecimento de produção, decidiu abrir ao cinema as fábulas e recriou a mais bela história daquilo que se pode definir justamente como "a grande mitologia francesa": "A Bela e a Fera".

Desde então Jean Cocteau pesquisou em todos os estilos conhecidos no cinema e inventou uma série de outros. Cada filme novo para êle é um experimento, uma invenção. Talvez que no fim êle se satisfaça. Essa satisfação pode advir do seu último filme, "Orfeu", já lançado com êxito na Europa e premiado em dois festivais: Veneza e Punta del Este (Montevidéu).

Jean Cocteau não é um produtor que dirige um filme acachapado na poltrona. Êle vai ali e aqui, pàra, medija, estuda. Êle olha como se estivesse domando um animal bravio do qual alguém desvia a atenção com um estratagema. "O filme é uma batalha", diz êle, "é preciso vencêlo".

Adora os seus colaboradores, trabalha em um clima de fé, de calma. "Considero os meus técnicos e os meus operários como membros de uma família pela qual sou responsável. Amo-os e êles me amam..."

A precisão — pode-se dizer a minúcia — com a qual Jean Cocteau trabalha, faz dêsse poeta ainda um artezão. Sob a sua aparente fantasia existe um sólido conhecimento, um rigor perfeito, uma arte de profunda humanidade, seja que se trate do poema Georgiques Funebres ou de várias imagens de "Orfeu". A fantasmagoria, os artifices dos quais nascem sua obra, constituem talvez um meio para tornar o caminho difícil.

"Trata-se de ser invisível por algum tempo — escreve êle — e invisível quero dizer bem depressa, ou bem devagar, suficientemente vestido ou suficientemente despido, para ser, sem dificuldade, percebido pelos contemporâneos".



Cyrus pediu que os donos da companhia de publicidade a tratassem bem, por isso os dois proprietários foram visitá-la e oferecer-lhe um alto ordenado.

A LINDA EMBUSTEIRA

EM Nova York é necessário ser inteligente para conseguir chegar ao trabalho diàriamente. Arranjar um lugar num "subway" é uma coisa tão difícil que sòmente pode ser comparada a dificuldade de arranjar um lugar... num "subway". Mas, como para tudo existe uma solução, Patsy Douglas, uma mocinha que trabalhava na cidade e tinha de enfrentar esta equação e ainda não lograra chegar à uma solução, resolveu levar avante as suas pesquisas. Assim como um cientista passa o dia no laboratório, usando tubos de ensaio, e empregando o melhor de seu esfôrço para descobrir uma fórmula, Patsy perdeu noites de sono com os olhos fixos no teto, procurando achar o x do problema. Finalmente, um dia conseguiu, depois de muitas noites sem sono, a tal solução.

No escritório de propaganda de Morley-Holmes, onde ela trabalhava, usando um bebê do tamanho normal de uma criança, para a propaganda da "Baxter Baby Food Corporation", dirigida pelo irrascível Cyrus Baxter, um velho que parecia já ter nascido com úlceras... Patsy teve a idéia de apanhar um dêsses bebês, embrulhá-lo num cobertor e ir tomar o "subway". E' claro que homem algum jamais deixaria uma senhora com uma criança viajar de pé.

Mas, a máquina da vida não pára. Está constantemente caminhando, tramando novas conspirações e colocando sempre pobres mortais frente a problemas muitas vêzes insolúveis. Êstes problemas podem ser alegres ou tristes, trágicos ou burlescos ou ainda simplesmente ridículos. Assim é que um dia o rabujento velho Cyrus Baxter se dirigia para o seu escritório e começou com as suas ordens estúpidas com o seu chofer: "Dirija mais devagar", "Olhe o sinal!" e tanto advertiu ao chofer que êste não suportou mais e deixou o velho Baxter no meio da rua, demitindo-se. Dêste modo, Cyrus teve de recorrer ao fidelíssimo "subway" para chegar até ao escritório.

No "subway", Cyrus conseguiu um lugar pertinho de Patsy. Fingia ler o seu jornal, mas, em verdade, estava era ouvindo a conversa de Patsy com uma outra passageira e quase morreu de susto

Título original:

"PRETTY BABY"

E L E N C O :

Sam Morley	**Dennis Morgan**
Patsy Douglas ...	**Betsy Drake**
Barry Holmes	**Zachary Scott**
Cyrus Baxter	**Edmund Gwenn**
Corcoran	**William Frawley**
Sidney	**Raymund Roe**
Bowers	**Ranson Sherman**
Peggy	**Sheila Stephens**
Miss Brindel	**Eleanor Audley**
Henderson	**George Chandler**
Recepcionista	**Barbara Billingsley**

Um filme da Warner Brothers — Direção de Bretaigne Windust — Produção de Harry Kurnitz — Cenário de Everett Freeman e Harry Kurnitz — Baseado numa história de Jules Furthman e John Klorer.



O dono da companhia de alimentos infantís Cyrus Baxter gostou da moça que tinha um filho com seu nome...

quando a passageira perguntou o nome da "criança" e Patsy respondeu que êle se chamava *Cyrus Baxter!* O presidente da fábrica de alimentos para crianças quase teve um colapso-cardíaco, ao ouvir o nome da criança...

O magnata de alimentos infantis conseguiu conter-se e demonstrou um desusado interêsse por Patsy e o seu filho. Soube, por exemplo, que ela trabalhava para a companhia de propaganda Morley-Holmes. Quando ela mostra interêsse por êle, Cyrus se diz chamar Smith e que trabalha para a "Baxter Baby Food Corporation", mas ela tem a idéia de que êle seja simplesmente o vigia.

Sem dar maiores pensamentos àquele encontro, a moça chegou à estação onde tinha de saltar e procurando um lugar para guardar o bebê, decide-se, finalmente, a alugar um depósito de dez cents diários. Dirige-se, então, ao escritório de publicidade, onde trabalha. Os dois donos estão verdadeiramente sofrendo de uma das comuns dores de cabeça em virtude de Cyrus Baxter. Êle é o principal cliente que têm e também o mais rabujento de todos, estando sempre insatisfeito com o trabalho da companhia de publicidade. Nunca Cyrus Baxter gosta de uma idéia e acaba por mandar desfazer. Os rapazes, sempre com a esperança de que o homem goste de uma idéia nova, escondem a raiva que nutrem por êle e trabalham incansàvelmente. Patsy faz um trabalho errado e o gerente do escritório a despede.

Mais tarde, no entanto, neste mesmo dia, Cyrus Baxter vem ao escritório de publicidade e conta aos dois sócios a história de Patsy e de seu nenê. Os dois se entreolham espantados, pois não sabiam que Patsy fôsse mãe. Aliás, ela estava até bastante apaixonada por Sam Morley. Bem, mas Cyrus insiste para que os dois sócios a tornem feliz em seu trabalho, o que êles prometem fervorosamente. Quando o patrocinador, finalmente, deixa o escritório, êles descobrem que Patsy fôra despedida por incompetência...

Os dois sócios lamentam a sorte, mas não estavam absolutamente decididos a deixar que uma chance dessas, uma verdadeira mágica exercida sôbre Baxter para que êle lhes dê todo o seu trabalho escorra por entre os seus dedos. Sem mais nem um minuto de espera iniciam uma busca e, finalmente, logram encontrar Patsy.

A mocinha se espanta com a proposta que êles fazem para que volte a trabalhar no escritório, com um aumento de salários, exercendo as funções de escritora de textos comerciais.

Voltando ao emprêgo, Patsy tem oportunidade para se tornar uma amiga intima de "Smith" Baxter, pois êle a vem visitar freqüentemente, e sempre que tem oportunidade lhe dá conselhos. Diz-lhe que deve, entre outras coisas, economizar dinheiro e controlar seu gênio estourado, sempre pronto a explodir ante a mínima provocação. Quando Baxter lhe pergunta o que fazer nessas ocasiões, ela lhe explica que cada pessoa tem a sua própria maneira de se controlar. Ela, por exemplo, costuma recitar "Hiawatha", até que a sua raiva esfrie. Por que não fazer o mesmo?

Mas, Patsy compreende que, finalmente, chegou a sua oportunidade e a ela cabe desempenhar da melhor maneira possivel a sua nova função. Morley, sob os seus insistentes pedidos, inicia imediatamente a confecção de uma idéia para uma propaganda de Baxter. Morley está mergulhado em trabalho, aquela noite, quando Patsy lhe vem trazer no escritório café e sanduiches. Ela o convence a deixar de tentar enganar Baxter, fazendo uma campanha baseada na honestidade e não nas venetas de Baxter. O novo inspirado Morley, com Patsy ao seu lado, trabalha a noite inteira para imaginar uma nova campanha. Sem querer, Morley também descobre que se está apoixonando por Patsy.

Morley e Holmes, depois do trabalho estar pronto, mandam Patsy ir apresentá-lo a Baxter. Sòmente então Patsy descobre que "Smith" e Baxter, o presidente da "Baby Food Corporation", são uma só pessoa. Patsy não consegue conter a sua raiva nem mesmo recitando "Hiawatha" e volta para o escritório de publicidade, furiosa, dizendo que, embora Baxter e êles também pensem que ela tem um filho, tudo não passa de uma mentira. Explica que imaginou a história apenas para conseguir um lugar no "subway". Agora são êles quem se zangam, mas refletem que o repentino interêsse de Baxter reside em Patsy e ela tem o destino da companhia de publicidade em suas mãos.

Patsy também pensa a mesma coisa e quando nota os primeiros sinais de que êles a pretendem usar para conquistar a publicidade de Baxter, pede demissão. Morley a segue e Patsy está apaixonada por êle. E' êsse o motivo pelo qual êle a convence a não dizer a verdade a Baxter, pois, do contrário, a agência terá de cerrar as suas portas. Morley também apela para o seu senso de humanidade e lhe diz que se isso acontecer, centenas de pessoas ficarão desempregadas.

Notando que Cyrus deseja conhecer o garôto que tem o seu nome, Morley apanha um retrato de Barry Holmes quando garôto e o mostra a Baxter, dizendo ser o garôto de Patsy. Mas o velho é inteligente, e não demora muito a notar a estranha semelhança do retrato que tem em suas mãos e o sócio de Morley, Barry Holmes, e insiste para que Holmes contraia matrimônio com Patsy, pois supõe que êle seja o pai da criança.

A fim de manter Baxter contente, Morley faz com que Holmes saia com Patsy de vez em quando, mas numa destas vêzes êle também vai com êles e descobre que está apaixonado por ela. Mas Patsy descobre que êles sòmente a levaram para passear com a finalidade de enganar Baxter e os deixa sòzinhos.

Baxter é feito conhecedor do desaparecimento de Patsy, e contrata um detective para a descobrir. Numa conferência entre Baxter, Morley e Holmes, Baxter anuncia aos dois homens que a idéia que êles tiveram para a publicidade de seu produto não vale coisissima alguma.

(Cont. na pág. 26)



Finalmente foi descoberto que Patsy não tinha nenhum filho e sim um boneco.

Moreley, um dos donos da companhia de publicidade se apaixonou perdidamente pela mocinha.



O TÔNICO
DAS LACTANTES



ÁGUA
INGLÊSA



A LINDA. . .

(Cont. da pág. 25)

Mas, não termina aí o choque dos dois sócios, pois estão presentes, quando o detective informa a Baxter que Patsy não tem nenhum filho, mas simplesmente uma boneca. Morley explica que Patsy começou a história apenas para conseguir um lugar no "subway" e continuou apenas para proteger a agência.

Morley confessa que está apaixonado por Patsy. Ao ouvir isto Baxter novamente chama o detective e êle começa a ralhar com o pobre homem que, finalmente, sentindo dentro de si o desejo de mandar aquêle velho rabujento para o inferno, para controlar a sua raiva, começa a declamar ent e dentes "Hiawatha".

De repente, os três homens começam a interrogá-lo, o detective explica que uma mocinha que trabalha no fim do corredor, de frente para o seu escritório, lhe ensinou a recitar essa poesia quando estivesse com raiva.

O detective leva Morley até ao edifício. Sam espera que Patsy saia e a acompanha até o "subway". Nos seus braços ela leva o pequeno bebê, Cyrus, embrulhado num cobertor. Patsy tenta desaparecer, mas o carro está muito cheio. No carro superlotado do "subway" Sam Morley confessa o seu amor por Patsy e grita bastante alto para assustar os outros passageiros, que olham para Patsy e Sam Morley, que segura a suposta criança em seus braços, com um sorriso de mofa nos olhos. Sam, Patsy e "Cyrus" descem do "subway" perto da pretoria e vão direto tirar a licença de casamento.

ANTOLOGIA DOS...

(Cont. da pág. 14)

vilhas. E de novelas policiais tipo "aventuras do Anjo".

Guarda, àvaramente, um autógrafo de Renée Falconetti obtido quando da estada da grande atriz no Rio, e uma foto de Greta Garbo autografada, ainda do cinema europeu!!!

Obteve da Falconetti uma sensacional reportagem, a primeira entrevista publicada no Rio, e na qual a famosa atriz fazia revelações interessantes sôbre Kard Th. Dreyer.

Tem em preparo vários livros: "Dicionário de refilmagens", "Who's Who do Passado", "Guia de Títulos Brasileiros" e outros para os quais faz pesquisa há vinte anos...

Possui um fabuloso arquivo que já recebeu várias propostas de compra. O diabo é que oitenta por cento dêle está na sua cabeça.

Não quis dizer se era contra ou a favor da bomba atômica, mas parece que é contra: não gosta de guerra, nem destruição...

ANTOLOGIA: *"UMA HISTÓRIA DE AMOR"*

"Um belo drama de infidelidade conjugal (*"Liebelei" foi baseado num cenário de Arthur Schintzler, o mesmo autor do argumento do recente e já famoso filme de Ophuls — "La Ronde"* — Grifo e acréscimos do autor) com a estupenda Olga Tschechowa, inimitável nestes papéis de amante. A primeira seqüência no teatro é ótima em linguagem de cinema, apesar de contada nos diálogos. E a seguinte, com a chegada de Gustaf Grundgens em casa, quando Wolfgang Liebeneiner se retira, maravilhosamente dirigida. Depois, o filme continua interessando mas torna-se lento... talvez porque o diretor Max Ophuls quisesse preparar aos poucos as emoções das seqüências finais. O certo, entretanto, é que o filme poderia ter sido melhor cortado, sem prejudicar o desfecho. Os romances de Wolfgang Liebeneiner com Magda Schneider — e — Willy Eichberger com Luise Ulrich são deliciosos de naturalidade. O trabalho de Gustav Grundgens é notável e marca um dos seus melhores papéis. Nunca o vimos tão discreto e tão bem adaptado ao personagem. Olga Tschechowa está mais sedutora do que nunca e o seu "caso" com "Liebe"... neiner é real como a vida. Ela vive uma "outra mulher" como muitas que existem em tôda a parte. E principalmente a influência que exerce sôbre o amante é humana, bem observada, naturalíssima. As seqüências do duelo, e do suicídio, de Magda Schneider fornecem tragédia e impressionam pela maneira natural como foram dirigidas. Paul Horbiger faz uma "ponta". Não é um filme completo, porém, tem o seu valor. Representa mais uma excelente amostra do que é capaz o moderno cinema europeu, com seu estilo de romance amoroso diferente dos explorados por Hollywood, e por isso mesmo novos para o nosso público. Max Ophuls é um grande diretor. Tomem nota do nome dêle... (*Foi o primeiro filme de Ophuls apresentado no Rio. Aliás, o moderno cinema europeu era pràticamente desconhecido no Rio*).

(Crítica publicada em "Cinearte", em 1935 *(trinta e cinco)*

CINEMA

A MAIS RENDOSA INDÚSTRIA DO MUNDO

SEJA UM DOS SEUS SÓCIOS CAPITALISTAS, SEM EMPREGAR UM ÚNICO CENTAVO!

OPORTUNIDADE EXCEPCIONAL

Envie nome e endereço, em envelope selado com Cr$ 2,00 a-fim-de receber autêntica foto de uma das mais notáveis artistas da tela, acompanhada da explicação desta mágica, ao

FÃN FOTO CLUBE

Caixa Postal, 752
Salvador, Bahia, Brasil

ANOS DE SOLIDÃO

(Cont. da pág. 7)

O primeiro encontro de Vera-Ellen em Hollywood foi com Bob Snody, um dos magnatas da 20th Century-Fox e a quem ela afirma dedicar grande amizade. Bob disse qualquer coisa sôbre a ida para um "night club", mas ela preferiu uma festa particular para a qual ambos haviam sido convidados. Era como se Vera ainda não tivesse bastante confiança em si para enfrentar o público. Por quase três anos ela tinha aberto as portas onde queria entrar, pago as suas próprias contas, pensando e agindo sòzinha. Naquele momento ela desejava novamente tornar-se natural e se reacostumar a ter essas pequenas coisas feitas para ela por um homem.

Outros convites se seguiram. Uma manhã, Farley Granger lhe telefonou:

— "Vera, você se lembra quando chegou a Hollywood há uns quatro anos atrás e eu a convidei para irmos a um "night club" e você disse que não?"

— "Oh, sim! sim! sim! sim!"

— "Que é que você quer dizer com tanto "sim"? Sim que se lembra ou sim..."

— "Sim, eu gostaria de sair com você.

Assim, de aí por diante seguiram-se diversos convites e a todos Vera-Ellen aceitava, alegre por ser novamente a Vera Ellen amiga de festas, de boas companhias e de alegria.

No entanto, ela parecia ouvir uma vozinha dizer lá do fundo de sua mente: "Mas, Vera-Ellen, você saindo com um **homem?"**

Era a voz de um passado longínquo... falando de um local onde realmente pertencia... falando do passado.

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

À venda também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

ARTISTAS FRANCESES NO BRASIL

DO RIO A SÃO PAULO, NUM AVIÃO FRETADO PELA MARISTELA ★ UM CHURRASCO DE CONFRATERNIZAÇÃO ★ UM JANTAR A LA FRANCESA ★ APRESENTAÇÃO AO PÚBLICO ★ GERARD PHILLIPE IRRADIA SIMPATIA ★ NICOLE COURCEL IRRECONHECÍVEL ★ RENÉE COSIMA, MARCEL DERRIEN E MICHELLE PHILLIPE, SIMPÁTICAS

Reportagem de **leon eliachar**
fotos de **fernando pamplona**

A delegação que representou a França no Festival de Cinema do Uruguai era composta de doze membros entre os quais se encontravam cinco artistas: Gerard Phillipe ("Adúltera", "O Idiota"); Nicole Courcel ("Paixão Abrasadora"); Marcelle Derrien ("O Silêncio é de Ouro"); Michelle Phillipe ("Le Voleur Se Porte Bien"); René Cosima ("Vitimas do Destino"). De regresso de Punta del Este, permaneceriam no Rio alguns dias, onde ofereceriam um coquetel à imprensa carioca, no auditório da ABI, mas, antes disso, viajariam até S. Paulo, a convite dos estúdios Maristela, de quem seriam hóspedes por uma noite. Um movimentado programa foi organizado com a devida antecedência, a fim de receber tão ilustres visitantes: um churrasco nos estúdios, às 2 horas da tarde; um coquetel no Cinema Marrocos, às 19,30 e um jantar na "boîte" Freddy, às 21 horas. Tudo foi realizado com o devido aparato e bom-gôsto, dentro de um ambiente social e cosmopolita, onde os diálogos se travâram em italiano, francês, mexicano, inglês — e, às vêzes, até português mesmo... Ingressando na caravana, no meio de personalidades ilustres do jornalismo paulista, convidados da Maristela, tivemos ocasião de ver e ouvir os célebres (e quase célebres) "astros" franceses:



Em 48 horas a Maristela ergueu êstes alpendres para oferecer um churrasco aos artistas franceses.

GERARD PHILLIPE

Um dos melhores artistas do cinema contemporâneo, serão o melhor, Gerard é, pessoalmente, um rapaz atlético, esportivo inteligente e simpático. E' aparentemente retraído, mas não é tímido, ao contrário, enfrenta qualquer situação e responde a qualquer pergunta, sem embaraço, não antes de medir as palavras, medidas e pensadas. Tem 28 anos apenas. Não usa nada nos cabelos, um pouco compridos, e isso lhe dá um certo ar de filósofo despreocupado. Em resumo, foram as seguintes as declarações de Phillipe:

— Gostaria de trabalhar fora da França, em qualquer país latino. Recebi algumas propostas e estou inclinado a aceitar uma delas (não revelou qual delas). Meus diretores favoritos são Claude-Autant Lara, Yves Allegret, René Clair e Clouzot. Gosto de trabalhar em qualquer condição, desde que me dêem um bom papel, um bom argumento e um bom diretor. Os finais trágicos dos filmes franceses são uma espécie de snobismo, em resposta ao snobismo americano que insiste em fazer "happy-ends". Nosso cinema sofre, especialmente agora no após, de crise material, e o público prefere coisas leves, daí não nos ser dado apresentar sempre filmes de elevado valor artístico. Os italianos apresentam filmes de conteúdo so-



O representante de A CENA está indeciso: não sabe se conversa com Nicole Courcel (esq.) ou com Michele Phillipe. Ou se coma o churrasco.



Gerard Phillipe dá suas impressões sinceras sôbre o cinema mundial.



Renée Cosima é sociável e simpática. Fuma sem cessar.

cial porque, naturalmente, se preocupam mais com o próximo do que com êles próprios. Todos lutam por uma paz, mas, no final de contas, todos encontrarão uma guerra que é inevitável. Por quê? Simplesmente por pura idiotice!...

NICOLE COURCEL

Completamente diferente do que a vimos no cinema, Nicole passaria despercebida se não fôsse a apresentação. E' uma moça simples, com uns 18 anos de idade. Muito branca, cabelos louros, é sadia e forte. Sorri pouco, mas com naturalidade. Abandonou os estudos para seguir a carreira cinematográfica. Foi aluna de arte dramática do professor René Simon. Seu primeiro filme foi "Rendez-vous de Julliete", ainda não exibido no Brasil. Dela já vimos "Paixão Abrasadora", ao lado de Gabin. E' solteira e tem um brilhante futuro no cinema. Nicole apreciou os filmes brasileiros exibidos no Festival e acredita que o Brasil pode vir a ser um país destacado na cinematografia mundial, dentro de alguns anos.

MARCELLE DERRIEN

Pouco mais de 20 anos, é uma mulher de classe. Elegante e fina nos gestos, muito amável. Tem um bonito sorriso. Começou sua carreira no teatro, interpretando obras clássicas, até que foi convidada por René Clair para ser a estrêla de "O Silêncio é de Ouro", ao lado de Chevalier. Inteligente, talentosa, já fêz outros filmes depois dêsse, ainda não exibidos aqui. Na França, Marcelle já é uma estrêla de primeira grandeza e muito breve o será em todo o mundo.

RENÉE COSIMA E MICHELLE PHILLIPE

Duas pequenas muito simpáticas, apesar do cansaço, mostravam-se solicitas com todos que delas se aproximavam. Falamos sôbre o Brasil, país que elas gostaram muito, sôbre a beleza da mulher brasileira, sôbre o desenvolvimento do nosso cinema. Tanto interêsse pelas coisas do Brasil fêz com que acreditássemos estarem ambas interessadas em permanecer por aqui:

— Bem que gostaríamos, mas temos contratos a cumprir na França. E' bem possivel que, num futuro próximo, quando se estreitarem mais os laços franco-brasileiros, viremos a filmar aqui algum dia.

CONVIDADOS

Entre as pessoas presentes, se encontravam: Orlando Villar, Vera Nunes, Antonietta Morineau, Henriette Morineau, Tônia Carrero, Thiré, Mário Donato, o brigadeiro Arariglóia, o secretário do governador do Estado, dr. secretário do Govêrno, dr. Canuto Mendes de Almeida, Bruna Bruno, Pola Civeli, Mário Patés, Alberto Attili, dr. Carlos Alberto Pôrto, Mário Civelli, Carla Civelli, Manoel Peluffo, Alex Vianny, Carlos Ortiz, Pacheco, Maria Della Costa, Sandro Polônio, jornalistas, cinegrafistas, radialistas e pessoas de destaque do mundo artístico e social de São Paulo.

Nicole Courcel, pessoalmente, é muito diferente. Jàmais a reconheceríamos. À direita, Michelle Phillipe.



Marcelle Derrieu é uma pequena de classe. Sempre sorrindo, responde a tôdas as perguntas.





Eis Nicole Courcel tentando falar português. Fica mais simpática ainda.



Na «boite» Freddy, o fotógrafo surpreendeu Nicole e Gerard numa cena romântica, às 2 horas da madrugada. Estaria nascendo um romance?...

CINEMA EUROPEU

FILMES DA ART EM PUNTA DEL ESTE — Em Punta del Este, Montevidéu, Uruguai, celebrou-se, de 15 de fevereiro a 15 de março um Festival Cinematográfico, sob os auspícios de importantes organizações turísticas e cinematográficas. Para o referido festival foram enviadas, a pedido, as seguintes películas, tôdas distribuidas no Brasil pela Art-Films: — «Céu sôbre o pântano», de Augusto Genina; «O Bandido Musolino», de Mário Camerini; «Amanhã é muito tarde», de Leonide Moguy; «E' primavera», de Renato Castellani. Todos êsses filmes serão lançados no Brasil no decorrer de 1951.

★

Também, de próxima distribuição em todo o território nacional, figuram as películas: «Encontro com o destino» (Aux yeux du souvenir), com Michele Morgan e Jean Marais; «O Mulato», com Umberto Spadaro e Jole Fierro; «A Cativa do Castelo», com Jean Simmons e Katina Paxinou; «Coração Inquieto», com Lilli Palmer e Albert Lieven; «De Pecadora a Santa» (Margarida de Cortona), com Maria Frau e Isa Pola; e «Giuliano, o Bandido da Sicilia», com Ermanno Randi e Maria Grazia Francia.

★

Entre os principais intérpretes que acompanham Danielle Darrieux e Rossano Brazzi na película «Novela de Amor», figura um jovem atleta e ator: Charles Rutherford. Chegado em uma viagem de turismo, atraido pelo Centro Experimental de Cinematografia de Roma, Charles Rutherford aperfeiçoou-se depois de haver seguido na Universidade da California, em seu país de origem, a Faculdade de Arte Dramática, e após haver interpretado no palco do teatro Pasadena Play House vinte e cinco comédias de Shakespeare, Voltaire, O'Neill, Moss Hart e outros autores americanos. Charles Rutherford é o tipo do jovem desportista americano progressista; tem vinte e cinco anos, 1,90m. de altura e é ruivo de olhos verdes. Foi campeão de rugby em sua universidade e durante a guerra prestou serviço na famosa 101a. Divisão de paraquedistas americana que foi protagonista do desembarque da Normândia.

★

ELEONORA ROSSI, a protagonista do filme «Persianas Fechadas», da Art-Films nasceu em Nervi de uma família de Oficiais de Marinha. Aos 15 anos saiu do colégio com diploma de professôra e dominando perfeitamente o francês e o espanhol, língua materna esta última. Desde então queria dedicar-se ao cinema, mas sòmente há dois anos logrou realizar sua aspiração vencendo a hostilidade paterna. Começou com «Os piratas de Capri» e, posteriormente interpretou «Ralph» e «Altura». E' apaixonada do automobilismo e tem desejo de tomar parte nas corridas. «Persianas Fechadas» é seu primeiro filme importante. Dirigido por Luigi Comencini e produzido por Luigi Rovere.

★

MARIA GRAZIA FRANCIA estreou aos 16 anos no cinema italiano em «Angelina Deputada». Em seguida fez parte do elenco de «Arroz Amargo», «Rondini in volo», «Ralph» e «Páscoa de Sangue» (Não há paz nos olivais). Agora em 1950-51 protagonizou «Giuliano, o Bandido da Sicilia», ao lado de Ermanno Randi, outro novo e expressivo valor da cinematografia peninsular.

O MAIS CARO E TRABALHOSO

(Cont. da pág. 4)

milhares de "extras", o diretor Mervyn Le Roy quase enlouqueceu diante de tantas dificuldades que surgiram a princípio — mas afinal tudo entrou nos eixos e uma vez iniciados os trabalhos, prosseguiram sem quebra de continuidade.

Vários meses — alguns dêles sob o causticante sol de Roma — trabalharam o elenco e os técnicos sob as ordens de Le Roy. Entre os intérpretes — Robert Taylor, Deborah Kerr, Leo Genn, Peter Ustinov, Marina Berti, Buddy Baer, Patricia Laffan e Peter Miles. Patricia Laffan, atriz inglêsa, vestiu a figura de Pompéia, a rainha cruel. Várias câmaras apropriadas para "Technicolor" rodaram durante êsses mêses. Um problema durante as mais importantes filmagens: a onda de turistas (estava-se em pleno Ano Santo), querendo invadir os estúdios. No dia em que começaram os trabalhos de filmagem do incêndio de Roma, Le Roy quase perdeu a paciência: era turista demais querendo forçar os portões de Cinecittá, querendo tirar uma casquinha da aparatosa, trabalhosa e alucinante filmagem. Nota curiosa: Elizabeth Taylor, que então se encontrava em Roma, de passagem, obteve do diretor Mervyn Le Roy permissão para atuar como simples "extra", correndo pelas ruas de Roma, durante o incêndio promovido por Nero. Prestem atenção, portanto, quando virem o filme: verão uma cristã assustadissima, gritando, alucinada, em meio às chamas: Vejam bem: será a lindissima Elizabeth Taylor. Nota ainda mais curiosa: quando, há três anos, a Metro pensava iniciar os trabalhos do filme — e então Márcus Vinicius seria Gregory Peck, Elizabeth Taylor foi escolhida para o papel de Ligia, que, finalmente, coube a Deborah Kerr! Quer dizer que, de qualquer modo, Elizabeth está em "Quo Vadis"...

Quantos milhões custou "Quo Vadis"? Muitos — mas o que mais importa mesmo é que, tudo indica, será um filme de arte e ao mesmo tempo um filme de agrado popular. Renderá milhões — mas valerá êsses milhões, o que é uma felicidade geral.

Nota importante: a Metro-Goldwyn-Mayer apresentará "Quo Vadis" assim mesmo, sem o ponto de interrogação de que muitos fazem questão. Apurou-se cientificamente que o livro de Sienc-wicz, na edição original, não tinha o ponto de interrogação, e erudihamente se apurou ainda que não há pontos interrogatórios na boa gramática latina. "Quo Vadis" será, portanto, e não "Quo Vadis?". E que não pairem dúvidas a respeito.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 3. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

A PATRULHA DA...

(Cont. da pág. 21)

— Escutem! Dez mil dólares para vocês dois a fim de dizerem que foi Quist quem atirou contra Cusick. Sòmente têm a dizer que eu dirigia e êle carregava o rifle. Êle está morto e não poderá reclamar.

Cinco minutos depois o carro do tenente Masterson chegou ao local, enquanto Kate se achava sentada a seu lado. Logo que o carro estacou ela pulou e perguntou a Dan por Rocky.

Êste apareceu de detrás do carro de Garris e, chorando, ela se lançou em seus braços.

— Rocky! Rocky! — balbuciou ela, apaixonadamente.

Dan e Rocky serviram de testemunhas no julgamento de Garris e, baseado em seus depoimentos, o júri condenou o proprietário do "Starlight" à cadeira elétrica.

Enquanto era retirado do tribunal, Garris repetiu as ameaças que fizera aos dois patrulheiros, tendo conseguido também dizer a Terry Romaine, uma cantora de seu clube noturno que **não saísse da cidade.**

Garris não permaneceu no presídio por muito tempo. Imediatamente conseguiu fugir. Logo que a Central foi notificada, foi dada ordem de "atirar para matar", logo que Garris fôsse encontrado.

A sensacional fuga muito preocupou a Kate e sua mãe, enquanto ambas faziam as preparações para o casamento. Masterson também estava amedrontado e chamou os dois patrulheiros ao seu gabinete, antes que êles saíssem para o trabalho, na noite depois da fuga.

— Quero alertá-los para que fiquem de orelhas em pé, quer em serviço ou de folga. Garris talvez pretenda mesmo levar a cabo a ameaça. Se êle não tiver deixado a cidade, deve ter algum plano apodrecido naquela sua gangrenosa cabeça.

— Oh, êle apenas blazonava para o seu próprio bem-estar — murmurou Rocky.

— E o que o senhor me diz sôbre a sua pequena? — indagou Dan.

—Se êle tentar comunicar-se com ela será apanhado — respondeu Masterson — Mas não creio que êle seja tão estúpido.

Os dois patrulheiros apanharam o seu carro e se dirigiram para o seu distrito. Rocky sugeriu que os dois parassem num pequeno café para comer um sanduíche. Dan fêz uma curva na esquina e se dirigiu para o café a alguns blocos de distância.

Um outro carro que estava parado ao meio-fio, de repente, deu a saída e acompanhou o carro-patrulha n. 13. Garris estava ao volante! O ódio incendiava os seus olhos, retorcendo a sua face e êle trazia à mão um revólver de alto calibre.

O malfeitor encostou o seu carro ao dos policiais e Dan teve um súbito pressentimento de perigo. Deu um grito de alarme enquanto puxava o seu revólver. Mas... tarde demais!

Rocky foi atingido pela chuva de balas da automática de Garris, que depois de cumprir com a sua ameaça, imprimiu velocidade em seu carro. Dan nada podia fazer e o carro perdeu o contrôle e foi de encontro a uma loja.

Na sala de emergência médicos e enfermeiras faziam tudo para salvar Rocky. Mas Dan, observando o movimento, chegou à conclusão de que não havia esperanças de salvamento.

Kate chegou no momento em que Rocky gozava dos últimos resquícios de consciência.

— Katie! — suspirou êle, soerguendo os olhos para ela.

— Ei, malandro — murmurou ela, lutando contra as lágrimas — você está tentando tirar o corpo fora do casamento?

— Deve... haver... um... meio... mais... fácil.

★

A procura de Ritchie Garris tinha sido intensiva anteriormente, mas agora, com o desejo de vingar a morte de Rocyk Barnes, todo o departamento de polícia se movimento a fim de encontrar o proprietário do "Starlight". Tôdas as pessoas que tinham contato com o assassino foram interrogadas pela polícia, inclusive Terry Romaine, a sua amante, e Louis Franissi, gerente do "Starlight".

Dan resolveu empreender uma guerra de nervos para descobrir o paradeiro de Garris, pois ainda acreditava que Terry Romaine era a chave do mistério. Assim, durante três semanas seguidas freqüentou diàriamente o "Starlight", ocupando sempre a mesma mesa.

— Dan — disse Kate finalmente — isto não dará certo. Esta guerra de nervos, sentando-se aqui noite após noite. Se ela tivesse alguma coisa para dizer já teria enfraquecido.

Mas finalmente Terry não mais conseguiu agüentar. Parou no meio de um número e deixou o salão. Dan se apressou para o seu camarim, seguido de perto por Kate.

—Você sabe onde êle está. — Dan acusou a cantora — Vamos! Onde êle está?

— Não sei! Não me importa que êle seja apanhado! Não me importo nem mesmo se o matarem!

Dan perdeu o contrôle e deu um golpe no rosto da cantora, fazendo com que ela cambaleasse, indo de encontro a uma mesa.

Kate correu para Dan e implorou ao policial para que parasse. Êle a olhou através de olhos brilhantes. Sem dizer uma palavra deixou o camarim, enquanto ela o seguia.

— Eu estava com mêdo disto! — Balbuciou Kate, no caminho de casa. — Um guarda brutal é uma coisa terrível. Êle tem muito poder, muita oportunidade para externar os seus instintos brutais e viciosos em gente sem nenhuma defesa.

Dan parou o carro no meio-fio e a encarou raivosamente.

— Bonito discurso! Por que você não consegue uma medalha para o homem que assassinou o sujeito com quem você ia casar-se?

Kate fitou os olhos nêle, enquantos êstes se marejavam de lágrimas. A súbita compreensão do que êle dissera repentinamente penetrou em sua mente, com a amargura do remorso. Êle se recostou no assento.

— Kate, eu sinto muito. Devo estar maluco, para falar com você desta maneira... Esqueça-se de que jamais eu disse aquilo, Kate!

★

Em seu esconderijo, na casa de um antigo membro de sua quadrilha, chamado Rocco, Ritchie Garris recebeu a notícia de que a estratégia de Dan dera certo... pelo menos a ponto de fazer com que Terry não aparecesse no clube por três dias consecutivos. Além do mais, informou-lhe Rocco, ela comprara passagem de avião, para ir para uma cidade, embora êle não soubesse qual.

Garris, evitando qualquer risco de ser apanhado no vestíbulo, subiu pela escada de incêndio. Um momento depois, os detectives começaram a ouvir o que se passava no apartamento de Terry, através do microfone que ali haviam instalado.

Imediatamente a Central foi notificada e num minuto os detectives e carros-patrulha se dirigiram todos para o apartamento de Terry Romaine. Enquanto isso, Terry se recusava a fugir com Garris para o México, quando alguém bateu na porta.

— Sou eu... Kathy.

Kathy, uma garotinha de quatro anos de idade, era a filha do superintendente do edifício, era uma costumeira visitante do apartamento de Terry. Garris correu para a porta e a admitiu. Isto era um milagre, pensou êle, se a polícia o descobrisse aqui a menina lhe serviria de refém, ajudando-o a fugir.

Alguns minutos depois, agindo sob ordens d polícia, a espôsa do superintendente subiu a apartamento de Terry para levar Kathy par casa. Ameaçada pelo revólver de Garris, Terr se recusou a abrir a porta e gritou para a gen tora de Kathy:

— Mandá-la-ei num minuto.

Isto serviu de aviso para Garris que, correnc à janela, descobriu que a polícia cercava o ec cio. Num instante, holofotes colocados nos telhados dos outros edifícios vizinhos foram acesos e dirigidos para o paratamento de Terry.

O tenente Masterson já se encontrava no local, juntamente com Dan e Kate. Através do microfone, Masterson avisou a Garris que êle tinha trinta segundos para render-se. Em resposta,

"Enquête" de A CENA entre seus leitores

A 2.ª apuração será publicada dentro de 15 dias. Envie já o seu voto a fim de que possamos fazer a 3.ª e última apuração, encerrando definitivamente esta "enquête", que refletirá a preferência de nossos leitores para os melhores do ano findo.

CORRESPONDENCIA

Tôda correspondência para esta enquête; deve ser endereçada a
«QUAIS OS MELHORES DE 50?
Redação de A CENA
Rua Visconde de Maranguape, 15
RIO DE JANEIRO».

QUAIS OS MELHORES DE 50?

COUPON

NOME (legível) ....
PSEUDÔNIMO (dispensável) ....
ENDERÊÇO ....
CIDADE ....
ASSINATURA ....

AS MINAS DO REI...

(Cont. da pág. 11)

nativo para cantar os hinos conhecidos de tôdas as crianças em idade escolar. E enquanto a Metro-Goldwyn-Mayer fazia o filme em technicolor com o equipamento mais moderno e cientifico, podemos dizer, médicos-feiticeiros nativos, se acocoravam em suas cabanas apenas a pouco passos das câmaras, mexendo duas beberagens mágicas, lançando nelas seus feitiços de curandeiros e dominando os outros nativos pela escravidão do mêdo. Não há dúvida: voltarei à África algum dia. E' a terra mais fascinante do mundo. E que assunto para a gente recordar na velhice!

★

"A Metro-Goldwyn-Mayer é profundamente reconhecida às autoridades governamentais do Tanganyika, Protetorado de Uganda, Colônia de Kenya e Protetorado do Congo Belga" — são os dizeres de um dos letreiros da apresentação de "As Minas do Rei Salomão". Isso significa que muitas facilidades foram proporcionadas ao "safari" organizado pelos estudios de Culver City, o que não livrou os técnicos e atores do filme de muitos problemas, muitos contratempos, entretanto. O sol, por exemplo.

— Nossos dois maiores problemas ao fotografarmos "As Minas do Rei Salomão" na África foram o próprio Velho Sol e o sensivel filme Technicolor que usávamos — disse o "cameraman" Robert Surtees quando a companhia regressou de sua expedição.

— O Sol era o nosso único patrão, ditando todos os nossos planos e horários de filmagem — continuou Surtees. — De fato, jogamos de lado os programas de trabalho que haviamos preparado cuidadosamente com antecipação e deixamos que o sol dirigisse a expedição.

— Quando êle aparecia sem nuvens, nós trabalhávamos; quando desaparecia, parávamos. Nos dias sem sol — e houve muitos durante nossa estada de cinco meses na África — sentávamo-nos em nosso acampamento ou nos locais da filmagem aguardando-o e esperando que êle aparecesse, preocupando-nos pelo tempo precioso que estávamos perdendo.

— Compreenda, quando se trabalha com filme colorido, deve-se contar com luz forte e brilhante — explicou Surtees. — No estúdio ou em localidades pouco afastadas podemos obter essa luz artificialmente. Mas era impossivel transportar pesados geradores pelas estradas ásperas e dificeis que percorriamos na África. De maneira que éramos obrigados a depender inteiramente do sol. Desde que não dispúnhamos de lâmpadas para suprir a deficiência de luz natural e tornar-nos possivel obter efeitos pictóricos de luz e sombra, usávamos refletores, feitos de papel prateado colado a tábuas, a fim de dirigir os raios solares para os atores e sitios onde se fazia necessário brilho mais intenso.

E ai têm os leitores uma parte — apenas uma parte — da trabalheira que é fazer um filme fora do confôrto e do sol artificial de um estúdio de Hollywood...



À VENDA
em tôdas as Bancas

AOS ASINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e enderêço certos.

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º
São Paulo
Remessa pelo Reembolso Postal

Garris botou a cabeça para fora da janela, segurando em sua frente, a aterrorizada Kathy.

— Estão vendo isso, **tiras?** Desapareçam! Do contrário eu jogo a menina daqui de cima. E' melhor fazer as coisas a meu modo, e a menina será devolvida sem faltar um pedaço.

Dan teve uma inspiração. Se êle pudesse chegar ao apartamento de Terry, caminhando pelo para-peito, conseguiria botar as mãos em Garris, sem atingir a menina.

— Deixe-me ir — implorou êle a Masterson — Se o deixarmos levar Kathy com êle acabará mesmo matando-a.

Relutantemente o tenente deu o seu consentimento. Dan desceu do elevador no quarto andar e emergiu por uma janela, já no lado de fora do edifício, andando no parapeito. Os holofotes iluminavam a sua figura em audacioso relêvo contra a parede de concreto. Em baixo, na rua, todos os espectadores tinham a respiração suspensa.

Alcançando o apartamento de Terry, Dan viu Kathy calmamente sentada em uma cadeira e as vozes de Garris e Terry que discutiam. O criminoso estava despertando a cantora, depois de a ter posto inconsciente, por ela se haver recusado ao seu plano de fuga.

Firmando-se no parapeito, Dan sacou de uma bomba de gás e a lançou na direção da voz de Garris, entrando no apartamento logo depois, de revólver em punho.

Mas quando Dan entrou, já Garris também havia sacado o seu revólver. Terry se jogou de encontro a Garris e os tiros que êste dedicava a Dan entraram em seu corpo. O patrulheiro respondeu aos tiros do criminoso, que caiu logo depois, mortalmente ferido.

Dan apanhou a pequenina Kathy em seus braços e cambaleando, saiu do apartamento.

Mais tarde, na rua, orgulhosamente de braços dados com Kate, Dan enfrentou os repórteres. Êle era o herói do dia...



ARQUIVO DE BROOKLYN JACK

CARMEN MIRANDA

CARMEN MIRANDA, cujo verdadeiro nome é Maria do Carmo da Cunha Miranda Sebastian, nasceu em Marco de Canavezes, Portugal, a 4 de fevereiro de 1907. Mede 1,65m. e pesa 53 quilos. Tem cabelos avermelhados e olhos verdes muito lindos e expressivos. Carmen é a maior sambista do mundo, e uma das mais interessantes «estrêlas» de cinema, teatro, rádio e «boite» até hoje aparecidas no Brasil, onde, aliás, foi criada. Sua atuação no «broadcasting» data de 1928, mais ou menos. Foi várias vêzes campeã da música popular brasileira, rainha absoluta do samba, e suas gravações verdadeiros records de bilheteria. Popularizou, como autêntica embaixatriz, o samba nos países platinos, depois nos Estados Unidos da América, na Europa e recentemente nas ilhas do Oceano Pacífico, particularmente Havaí onde a turma trocou o ritmo gostoso da «hula-hula» pelo ritmo mais gostoso do batuque e do chorinho... Carmen está no cinema desde 1934. No Brasil apareceu nos seguintes filmes: «Estudantes» (1934), «Alô, Alô Brasil» (1935), «Alô, Alô Carnaval» (1936), «Banana da Terra» (1938). Em Hollywood fez: «Serenata Tropical» (1939), «Uma Noite no Rio» (1940), «Aconteceu em Havana» (1941), «Minha Secretária Brasileira» (1942), «Entre Loura e Morena» (1943), «Serenata Boêmia» e «Quatro Moças num Jeep» (1944), «Alegria, Rapazes» (1945), «Sonhos de Estrêla» e «Si eu fôsse feliz» (1946) «Copacabana» (1947), «O Príncipe Encantado» (1948) e «Romance Carioca» (1949). Digam o que disserem os beócios, Carmen Miranda é a MAIOR, COMPLETAMENTE e SEM RIVAL!





ANDREA KING

UMA das mulheres mais elegantes de Hollywood, Andrea King é natural de Paris, França, onde nasceu em um dia 1 de fevereiro qualquer. Mede 5 pés e 5 polegadas e pesa 120 libras. Tem olhos verdes e cabelos louros. No cinema desde 194: tendo feito filmes para a Warner Bros., Universal-International, Paramount e independentes. Dos seus filmes mais conhecidos podemos citar: «Pensando sempre em você», «O Preço da Felicidade», «Um sonho em Hollywood», «A mão que nos guia», «Hotel Berlim», «A sombra de uma mulher», «Os Dedos da Morte», «Meu Único Amor», «Minha Rosa Silvestre», «Do lôdo brotou uma flor», «Êle e a sereia», «A Rainha dos Piratas», «O Pecado de Amar», «Larápios», «Don Renegade». Entre os galãs com quem contracenou figuram Dennis Morgan, Jack Carson, Robert Hutton, Dane Clarck, Helmut Dantine, Robert Alda, Robert Montgomery, William Powell, Robert Douglas, Macdonald Carey, Scott Brady e Ricardo Montalban.



DEANNA DURBIN

DEANNA DURBIN é natural de Wnnipeg, Ohio, U.S.A. e nasceu a 22 de dezembro de 1922. Cabelos castanhos e olhos azuis. Cantava como um rouxinol, mais depois deu para desentoar. E' uma das mulheres mais antipáticas (na tela) de Hollywood, depois de haver sido uma das meninas mais interessantes... No cinema desde 1936, tendo se iniciado em um short da Metro, «Todos os domingos», com Judy Garland, e em seguida, durante treze anos pertenceu ao elenco da Universal. A relação dos seus filmes é a seguinte: «3 Pequenas do Barulho», «100 homens e uma menina», «Louca por música», «Idade Perigosa», «Três meninas endiabradas», «Primeiro Amor», «Will Rogers Memorial» (short), «Rival Sublime», «Parada da Primavera», «Noiva por um dia», «Raio de Sol», «Sempre Tua», «Laços Eternos», «A irmã do mordomo», «Férias de Natal», «Vivo para cantar», «A dama desconhecida», «Por causa dêle...», «Amor de Encomenda», «Deliciosa Mentira», «Um sonho desfeito» e «Fugindo do Amor». Retirou-se do cinema em 1949 e até agora não dá sinais de voltar... Ray Milland, Melvyn Douglas, Franchot Tone, Jackie Cooper, Robert Cummings, Charles Laughton, Edmond O'Brien, Joseph Cotten, Pat O'Brien, Dean Harens, Gene Kelly, Robert Paige, David Bruce, Tom Drake, John Dall, Dick Haymes, Jeffrey Lynn, Don Taylor foram seus companheiros em vários filmes.



ELIZABET TAYLOR

E, positivamente, a seção de hoje está florida e colorida: só dá mulher!... Elizabeth Taylor, por exemplo, que já foi brotinho e hoje é botão em flor, é uma das pequenas mais bonitas e talentosas do cinema, aparentemente, embora pareça ser tão antipática quanto a equina Joan Fontaine, de recente passagem pelo Rio... Miss Taylor, que está fazendo grande sucesso atualmente nos Estados Unidos em «Father's Little Dividend», sequência de «O Papai da Noiva», e que há pouco tempo ocupava com o seu casamento e logo o seu natural divórcio a primeira página dos jornais de todo o mundo, é, cremos, americana mesmo. Ou inglêsa, quem sabe? O fato é que começou pichititinha em «A Fôrça do Coração» e depois em «A mocidade é assim mesmo». Foi crescendo, foi crescendo, veio em outros filmes de Lassie, depois em «O Príncipe Encantado», «Cynthia», «Traidor», «A verdade não se diz, etc., etc. Artista exclusiva do Leão da Metro, que lhe dedica especiais carinhos, Elizabeth Taylor tem um bonito futuro a percorrer. Que ela é original, lá isso é: aquela voz de tremolos, aquela elegância super-afetadamente-artificial, todo aquêle não-me-toques bem feminino fazem-na uma deliciosa encarnação da «ingênua» 1951, i.é., ingênua, eu, hein Rosa?!...

música

OSWALDO DA CUNHA

CURIOSIDADES SÔBRE A MÚSICA

SEGUNDO afirmações dignas de crédito, os mais antigos documentos musicais datam da civilização do povo Sumério, 3500 anos A.C. Êste povo existiu desde o ano 4.000, aproximadamente, junto da bacia dos rios Tigre e Eufrates, na região denominada Mesopotâmia. Entre os monumentos de arte plástica chegados até nós, da época das primitivas civilizações sumeriana e babilônica, dos anos 3.500 a 2.000 A.C., figuram reproduções de instrumentos musicais, tais como: harpas, alaúdes de braço comprido, flautas, tambores, e quadros de cenas de sacrifícios, rituais e triunfos guerreiros, com acompanhamentos musicais. O mais antigo exemplo de notação musical, que se conhece é um fragmento babilônico datado do ano 2.000 A.C., talvez parte de um acompanhamento de harpa, para canto. A cultura musical egipcia deve ser uma das mais antigas, haja visto o grande desenvolvimento atingido nesta arte por aquêle povo, no ano 3.000 A.C. Davam êles lugar de grande destaque à música no culto a seus deuses e mortos ilustres. Já naquela época os instrumentos dividiam-se, como hoje, em três categorias: percussão, corda e sôpro. Como vemos, a música acompanha a humanidade desde os primórdios de sua civilização, evoluindo desde a heterofonia (simultaneidade de sons, sem qualquer preocupação de harmonia ou consonância,) até as modernas composições de um Stravinsky, de um Copland ou de um Villa-Lôbos.

NOTA MUSICAIS

SOCIEDADE ARTISTICA INTERNACIONAL

Sob os auspícios da S.A.T. inaugurar-se-ão no mês de abril, com a direção do maestro José Siqueira três cursos especializados. São êles os seguintes: CURSO DE CULTURA MUSICAL, CURSO DE ESTÉTICA MUSICAL e CURSO DE ESTÉTICA PARA PIANISTAS. Qualquer pessoa que aprecie a música e que deseje ampliar os seus conhecimentos musicais, poderá frequentar o primeiro dêstes cursos, não sendo necessrio saber música. O segundo curso, o de Estética Musical, destina-se às pessoas que possuindo alguns conhecimentos musicais desejem ampliá-los aprofundando-se mais no assunto. O curso compreende a análise e a apreciação musical das obras mais famosas. O terceiro e último curso, de Estética para pianistas é especializado e só poderão cursá-lo pianistas, professores de piano e alunos dêsse instrumento. O curso abrange, além de outros conhecimentos, a análise dos concertos para piano e orquestra mais reputados em todo o mundo. Os interessados nesses cursos poderão se inscrever na sede da ORQUESTRA SINFÔNICA DO RIO DE JANEIRO, à Av. Nilo Peçanha, 12, 12º andar, sala 1207, entre 14 e 18 horas. Informações pelo telefone 52-4856. Os cursos terão a duração de 3 meses e poderão se realizar pela manhã, à tarde, ou à noite, segundo as necessidades dos alunos.

A VIDA DE BACHMANINOFF

Anuncia-se para breve a filmagem nos Estados Unidos, da vida do grande compositor russo Sergei Rachmaninoff, e segundo tudo indica, Arthur Rubinstein personificará a figura do aplaudido gênio da música moderna.

«JOURNAL D'UN CURÉ DE CAMPAGNE»

Com o título acima, Paris assistirá breve à estréia do filme de Bernanos, com música de Grunenwald.

CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MUSICA

Estão abertas na Secretaria do C.B.M., as inscrições para o Curso de Iniciação Musical, destinado a crianças de 6 a 10 anos, mediante prova de aptidão musical, independente de conhecimentos musicais.

O Curso está a cargo da professôra Elisa Chiaffarelli Mignone, sendo gratúito aos que obtiveram grau dez no referido concurso, que deverá realizar-se no dia 29 do corrente.



Fêz sua estréia em Londres uma cantora brasileira, o soprano Vanda Oiticica. Desfrutando já de elevada reputação entre nós, realiza agora uma excursão artística para dar-se a conhecer na Europa. Teve êxito na França, devendo exibir-se na Itália, após suas «performances» na Inglaterra. O embaixador do Brasil em Londres e sra. Muniz de Aragão, deram uma recepção em honra da cantora brasileira, à qual compareceram centenas de convidados que tiveram oportunidade de ouvir vários números, na maioria brasileiros, e que muito agradaram. A cantora Vanda Oiticida captou a simpatia do auditório, com sua personalidade atraente e com a vivacidade de sua interpretação. Interpretou vários números de Bach e Debussy, destacando-se mais em obras de compositores tais como Poulenc e nas canções sulamericanas. Richard Capell, crítico de música do «Daily Telegraph», escreveu: «As canções brasileiras foram muito ligeiras, tendo sido cantadas de maneira convencional, mas a artista emprestou-lhes caráter e brilho». Entre outras canções latino-americanas, a cantora brasileira interpretou as seguintes: «Vida Formosa» e «Modinha», de Villa-Lobos, e «Menino Mandu», de Dinorah de Carvalho.

Pausa para meditação



JANE RUSSELL — (R.K.O.)

Notícias

«Buccaneer Empire», um grande espetáculo cinematográfico em tecnicolor, de amores e aventuras a bordo de um navio pirata, será a primeira produção de Edmund Grainger, no ano próximo, de acôrdo com o contrato estabelecido com a RKO Radio. O filme terá, nos papéis principais, Robert Mitchum, Faith Domergue, Victor Mature e Jack Buetel.

Essa produção fílmica é uma adaptação da obra original «Blackbeard, the Pirate», e apresentará muitos episódios curiosos dos famosos piratas Henry Morgan, Jean Lafitte e outros aventureiros do mar.

Robert Stevenson será o diretor do filme.

★

Eddie Bracken foi contratado para fazer o papel principal de comediante do filme «Two Tickets to Broadway», atuando como «empresário» de Tonny Martin. O filme está sendo realizado sob a direção de James V. Kern.

Brackman é um dos artistas mais ocupados do Hollywood, sendo muito procurado para a tela, para o palco e para a televisão. As estrêlas do filme serão Janet Leigh e Ann Miller.

★

O tenente-coronel Stanley P. Latiolais, que dirigiu as operações aéreas da Qüinta Fôrça Aérea, na Coreéia, está atualmente em Hollywood, para atuar como assessor técnico do filme «Operation 0», história das fôrças das Nações Unidas no teatro de guerra da Coréia, que o produtor Samuel Bischoff está realizando para a RKO Radio.

O tenente-coronel Latiolais dirigiu tôdas as operações da Quinta Fôrça Aérea em Tagu, na fronteira da Mandchúria, até outubro passado, quando foi designado para atuar como conselheiro técnico para o dito filme, tendo então vindo para Hollywood.

★

Com o fim de ajudar aos exibidores em sua luta para recuperar as audiências infantis, hoje atraídas pela televisão, Jerry Wald e Norman Krasna vão produzir «Galahad», um filme em tecnicolor, cujo enrêdo se passa nos tempos do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda.

Será escrito um argumento especial para a tela, baseando-se no poema de Tennyson, «Idílios do Rei», e na obra de Walter Map, «O S. Graal», os quais fornecerão dados para o filme. O elenco incluirá artistas de renome de Hollywood.

Há muitas obras clássicas que constituem atração tanto para crianças como para adultos, e que serão consideradas futuramente para a produção cinematográfica. Exemplo dêsse gênero de grande sucesso, foi a obra de Robert Stevenson, «A Ilha do Tesouro», produzida por Walt Disney.

DUBAR



BEBIDAS DE ALTA QUALIDADE E PUREZA ABSOLUTA, PARA OS PALADARES MAIS EXIGENTES. SIMPLES OU EM COCKTAILS OS PRODUTOS **DUBAR** SÃO UMA DELÍCIA!

★

EIS A FAMOSA LINHAGEM

DUBAR

LICORES

Anisette
Cherry Brandy
Creme de Ovos
Curaçau
Danziger Goldwasser
Fogo Paulista
Kümmel Cristalizado
Kümmel Dubar
Licor de Abricot
Licor de Cacau
Licor dos Cardeais
Licor de Ouro
Maraschino
Peppermint
Record

APERITIVOS E BITTERS

Americano Paulista
Bitter Angostura
Bitter Boonekamp
Bitter Russo
Fernet

VINHOS COMPOSTOS

Vermouth Branco Doce
Vermouth Branco Sêco
Vermouth Torino
Vnho Quinado
Vinho Quinado Extra

AGUARDENTES

Cognac Dubar 5 Estrêlas
Cognac Grande Fine Champagne
Cognac com Alcatrão
Genebra Extra Superior
Gin Extra Sêco
Korn Velho Legítimo
Rhum Tipo Georgetown
Vodka
Whisky

XAROPES

Ananás
Cereja
Framboeza
Grenadine
Groselha
Limão
Tamarindo
Morango

HÁ UMA DELÍCIA DUBAR PARA CADA PALADAR!

RIO DE JANEIRO
Rua Riachuelo, 92

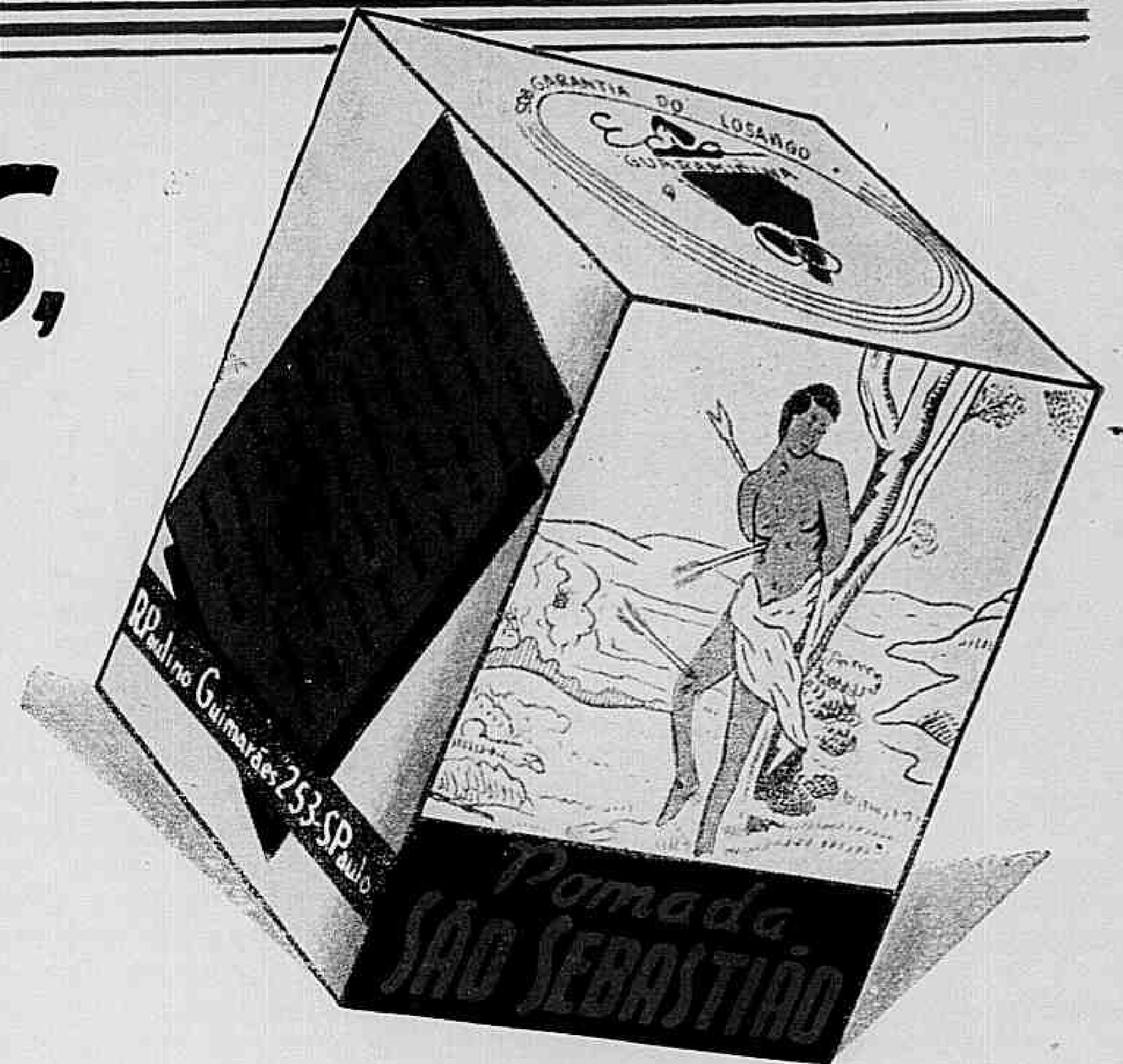
SÃO PAULO
Rua Frederico Steidel, 165 - 1.° andar

SANTOS
Rua Martim Affonso, 163

Conserve a sua pele limpa e macia...

SARDAS,
ESPINHAS
E
MANCHAS





Pomada
SÃO SEBASTIÃO